

Concurso Literário



Entrega de trabalhos
1 de Março a 23 de Abril

aeflup



mais informações
<http://cafecom-letras.blogspot.com>
www.aeflup.com

CONTO

1º CLASSIFICADO

Brioncelo, o Alcaravão

Burhinus oediconemus,

misterioso, furtivo, terreno

: chegaste ao início da noite e entraste como se a minha casa fosse tua e as chaves, que já dormiam comigo, aninhadas nas cócoras do sono, estivessem em teu poder. Chegaste de nariz apontado ao alto e um brilho orgulhoso, renascentista, requintado sobressaía nas trevas como se a vontade de partir que trazias contigo fosse um trunfo insuperável. Entraste em bicos de pés para chamar a atenção

botas cansadas enlameadas guerreiras e largaste no chão a gabardina e um guarda-chuva novo, encharcados de impressões digitais, carimbos petrificados pelo gelo da noite de inverno que fazia lá dentro, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: pousaste as revistas despaginadas que trazias ao dependuro no peito como se fossem colares de safiras, para que ninguém tas roubasse, e marcaste a página que nunca vi, com aquela fotografia de dois pés ossudos de senhora descalça mergulhados por entre a relva de um jardim pouco aparado. *Semente*. Aqueceste o leite, juntaste-lhe mel e, enquanto vestias o pijama cardado, aos carneirinhos, para não te deitares, deixaste-o a arrefecer, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: nunca me disseste que enquanto esperavas que fossem horas de não te deitar, eu sonhava que os cães vadios das ruas vizinhas uivavam com gargantas de cavalos e que entre os países do céu viajavam mercadores nativos em caravelas de linho branco carregadas de trancinhas indonésias e conchas de cobre e cutelos de terra pendurados num ramal de corais. O comandante da frota neuro-comercial chamava-se *Brioncelo* e tinha o rosto de um escuro-orgulho árabe, cabelos preto-azeviche, terracota polida de sombras e majestade de ouro. O nosso acordo tácito de não nos falarmos até que o acordo expirasse e eu acordasse do meu sonho telúrico, fez-me acordar um bocadinho. Procurei-te em todos os cantos daquele planeta ancorado que era a minha casa para te perguntar se já podia contar-te uma coisa, mas tu respondeste que não, porque não te encontrei em lado nenhum, e fiquei o resto da noite a falar sozinha para as janelas fechadas e para as paredes enegrecidas pelos cigarros que me dizias fumar naquela atmosfera arrepiada até à hipoderme, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: escovaste os dentes de chumbo com a voracidade frenética de uma *husqvarna* e eu, que cozinhava o sonho circense das esferas celestes, quase-quase acordei e me zanguei contigo: que não me deixavas sonhar e que melhor trato davas aos molares que a mim, a mim, seu ingrato, que te comprei o anti-séptico oral e o flúor e o dentífrico e que raspei o carvão para te embranquecer o esmalte e que casei morangos com bicarbonato de sódio para uma investida especial de abrasão. Poderias pois ter mais cuidado com a minha noite. Alisar-me a pele da cara que se enrugou nas últimas horas, aconchegar-me os pés antárticos, alinhar-me o travesseiro de plumas descompensadas e puxar-me os três cobertores da cama, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: porque haverias? Porque abrias tão *à l'aise* a lata das minhas *danish butter cookies*, devoravas os torrões de Alicante que lá derretiam e deixavas as bolachas para mim? Aposto que era para me obrigares a acordar. Não haverias antes de comer as rodela de farinha assada, se era uma lata de bolachas que abrias? Pois haverias. E eu dormia, enfim, sobre a tua incoerência de galináceo que se deixa inchar para morrer. Perguntei-te como te chamavas e não me respondeste que tinhas por nome *Brioncelo*, por isso pensei que te chamasses *Crisântemo Inodoro*, porque me cheiravas a isso tão

intensamente que os cães quase cessaram de furar com relinchos a vadiagem da noite.

Daquela noite, retaguarda de todas as noites

: e continuavas a tua dança asfixiada de negro, vilipendiada pelo meu sonho oriental de asas douradas e bafos de bronze a chibatar a imensidão do universo. Quase dei conta de que estavas ali, qual chulo do meu sono, como esses homens da noite, abutres debicando nas tripas de um dia que morreu. *Peles e suores místicos, bactérias, urinas, poros intumescidos pelo pus dos deuses, glândulas e secreções invulgares impregnavam o meu quarto de pouca humanidade, enquanto a noite se adiantava a nós, arautos da encarnação brincando às casinhas com os grillhões do tempo*

: pegaste com cuidado no coelho de pelúcia que sempre abraçava para adormecer e, depois de o lambers de beijos, escondeste-mo, desalinhado, no cesto da roupa para dar a ferro como se esse não fosse o primeiro lugar onde eu iria procurá-lo. Nunca mais soube dele e lembro-me de, dias seguidos, ter chovido no meu rosto de hortelã a chuva que deram os meus olhos. Chuva seca, chuva estéril, chuva fria, chuva...porque

a noite estava tórrida e era Agosto e já não ias sair até romper o dia

: *bem-aventurados os que têm laços para desatar. Felizes os ausentes que são os únicos que regressam.* Lembro-me da escuridão que fazia lá fora nessa noite de sonhos desabandonados. Era uma escuridão de minas, de um azul-petróleo cerrado cerrado! Uma nuvem clara vagueava tresmalhada naquele céu de gasolina e, montado nela, um homem arquejava em agonia sobre guinchos de prisioneiro. Guinchos de guerra, ecos podres. Floresceram lapelas no peito do meu coração e eu sorri, sorri, sorri tanto que o mundo entrou inteirinho pela minha boca, ancorando-lhe em cais de chumbo.

Ouvi-te trautear *Piazzolla* debaixo de uma intempérie de chuveiro e, no fim, as pingas descompassadas bramiam o desespero insistente dos aflitos até à desistência muda. *Brioncelo ave pernalta, descobre o abismo que há em mim, puxa o tampo que encobre o poço fundo, o pântano das minhas memórias reencarnadas, e com a tua escada de corda*

desce e limpa os rebordos das heras infinitas que treparam no interior

desce e elimina os vermes que se entranharam visceralmente nas fissuras

desce e corta os limos que exibem o viço mortífero dos relâmpagos

desce e raspa os musgos esquecidos nos canais

desce e rebenta as teias urdidadas no silêncio de todas as grutas

desce e emudece os monstros que roncam à aparição

desce e esgana a morte que galga lenta

desce e aniquila as protuberâncias da matéria pútrida

desce e vomita o teu veneno sobre as daninhas ervas do eterno esquecimento

desce e anula os fáceis e os vazios e os ocos e os inúteis

desce e suga a espuma da concórdia, a lama da ira

desce e seca a água estagnada no seu fundo. Água feia, água quieta, água gelada porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: deixei duas frestas da persiana por fechar, queria dar conta do fim da noite que nunca chegou a chegar. Morri contigo, *Brioncelo ave áuspice*, antes de conhecer o dia. Nunca soube que a claridade tem ruas apressadas e multidões obcecadas por passos largos, nunca lhe soube as artérias entupidadas de automóveis e fumos negros, nunca cheguei a saber que o dia se embaraça com ruídos metálicos e com vozes inaudíveis como não são os relinchos dos meus cães nocturnos nem os teus longos assobios de alcaravão,

nunca soube

: *do TGV nem do Dreamliner 787 nem do passadiço de Salgueiros nem de Boris Vian nem de Keith Jarrett nem dos aspiradores inteligentes nem da Ponte de S. João nem dos aerssóis nem da agricultura biológica nem da crise global nem do Inter de Mourinho nem da gripe H1N1 nem do PSI20 nem de Guantânamo nem do Freeport nem da Casa Pia nem da Maddie nem das lojas dos chineses nem dos paraísos fiscais nem dos nossos desgovernantes*

: *oxalá que não!*

Nasci e morri na mesma noite, numa noite quente e fria, tórrida e gelada. Na mesma noite em que, por acaso, tu entraste na minha casa, velaste o meu sono de fetos e bateste as asas atordoando os ares com pós de alquimia. Na mesma noite que não me bastou para saber das cores que o mundo tem além do azul-petróleo que o veste e do amarelo com que te pintaram o bico, *Brioncelo das pernas verdes e das asas douradas*,

na mesma noite em que desconheci a vertigem dos anéis temporais, as equações da física, a organização do espaço, as regras das emoções, as espécies em vias de extinção que tive de não saber para aprender. Em que satélite te procuro depois da única saga de Neptuno?

: *Larrisa, Naiad, Galatea, Thalassia, Despina, Proteus, Triton, Nereida que me tens Brioncelo preso nas manhas da tua excentricidade de órbita ninfóide.*

Sobre a mesinha-de-cabeceira estava um telemóvel. Não sabia ao certo para que servia nem o que se fazia para que servisse, mas tomei-o nas mãos dormentes e teclei mecanicamente no conjugador de letras de maneira a alcançar palavras. Nem que queira dizer o que escrevi, não sei. Saiu-me uma combinação de fricativas predorsodentais e dentais sonoras e oclusivas bilabiais que não soava nem ao menino Jesus...*dziendobre...Brioncelo do voo incerto*. Passados uns segundos, um *biiiiip/ mensagem entregue*. Passados uns segundos, um *biiiiip biiiiip/ o seu saldo é inferior a 3 euros*... Passadas duas horas, outro *biiiiip biiiiip/ Olá, como te xamax? Dd éx? Namorax? Komo xabex o meu n°? Bx. Marka enkontro*. Fiquei a pensar no que fazer, se valeria as penas acordar, ainda a tempo de ir ao encontro de uma formiga com asas, se ainda teria tempo de levantar-me, vestir-me, lavar os olhos à gato e fazer de conta que vivia naquela época em que as mulheres usavam *baton e fond de teint e vernis à ongles* e se depilavam, e eu, cara de *kiwi* maduro, já nem tempo me sobrava para saber o que isso era e para que servia, nem para aprender línguas. *Oh shit! Y el hijo de putana del diccionario*, esse grandessíssimo pai dos burros, que não chegava. Quem o desfizesse em farripas, a esse betinho, desses que tudo têm, até passado e futuro, enquanto os meus dias cabiam todinhos nessa contracção de horas em que nem parar de sonhar para viver eu conseguia

: *deixem-me viver em paz!*

Sei das cascatas de água salgada que deslizavam langorosas pelos muros porosos, tingidos de salitre, do pátio que eu achava que tinha a minha casa. Tinha de ter porque eu ouvia-o, com irradiações de himalaías e ecos sólidos. Sons de gargarejos desciam pelos canos de alumínio e as rãs coaxavam rezas monstruosas em terços de argila e nenúfar. Era seguramente um pátio grande, com uma fonte de granito e uma estátua romana, teria arbustos altos de sombras piedosas e flores, muitas flores, as flores das tuas charnechas de areia e pedras, *Brioncelo olhos de cobra*, as charnechas das tuas orgias voláteis

: ajoelhaste-te sobre o tapete de Arraiolos a pintar-me a silhueta numa tela. Retrato de mim dormindo. *Sopro, fumo violeta, corpo de espirais, cristais multicolores cravados numa lua em forma de estrela, colmeia, âmbar, níquel, saliva e terra, quanta terra produzia o meu sono inóspito na tua tela de prata e cal.*

Que mal te fiz, *ave rara*, para trespassares com o sabre dos remorsos o meu peito encardido de pureza? Cessasse o bem que me davas, se não acordava para o favor da retribuição. *Pára de voar em mim, de fazer círculos de fera no céu do meu sonho infinito.* Respiraste o meu vento glacial e cobriste de penas o teu corpo febril, porque *a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia*

: sentaste-te no sofá e encostaste-te às almofadas de esponja com os *phones* nos ouvidos. Nunca me falaste da música que ouvias, enquanto eu regateava o preço dos lances do inconsciente, mas sei que era um flamenco porque o meu corpo cigano rendia-se incontrolável às curvas morenas da melodia e as pregas vocais borbulhavam tonitruantes projecções de voz. Querias saber a minha morada mas nunca a soubeste. Nunca ta quis dar, sabia que iria sofrer ao saber que a sabias e que não virias ao meu encontro. Assim lamentei apenas que não soubesses onde me encontrar

: *disse-to da primeira vez que me bateste à porta naquela noite, antes de voltares atrás para te despedires do bando invernal. Adeus, vai com as sombras, Brioncelo plumas de vento. Boa noite, Brioncelo pirata de nortes, entra, vem marear o meu castelo de arribas.*

Foste até ao grandioso móvel-bar que ficava na esquina da sala, em frente ao teu cinzeiro, e serviste-te de uma amêndoa amarga

: o bastião das horas marcava 32h da manhã e ainda faltavam exactamente 15:03h para raiar o sol daquele verão incontável. *Ping ping ping chove granizo e folhas sobre o meu sonho de calhandra, Brioncelo voz de manteiga quente coração de farol bastão da saudade cravado nos bagos de uva dos meus olhos grainhas inchadas translúcidas cuspiendo do alto setas de fogo sobre os trópicos crepusculares.*

Pousaste os *phones*, envergaste a *ásana* do Lótus e entoaste um *kiirtan*. *Baba nam kevalam, Brioncelo anjo etéreo lume do espírito, baba nam kevalam, ba-ba-nam-ke-valam, baaa-baaa-nammm-keee-vaaa-lammm, estado meditativo profundo logo agora que eu queria contar-te que o mercador árabe fez a viagem do barnabé das índias até à nuvem seguinte mas deixou que o vento soprasse de mais sobre as susaninhas indonésias que desapareceram para sempre na voragem do ar. Namastê.*

No balcão de um pão quente, um homem de meia-idade tomava um martini e trocava impressões com a empregada que, do lado de dentro, lavava as chávenas das meias de leite. *A minha primeira mulher era mais nova que eu dez anos e a segunda, mais velha nove. Ai sim (!), e qual das duas era a melhor? Eu sei lá, entre as duas venha o diabo e escolha. Moral da história: nunca um homem deve escolher a mulher, sem primeiro pedir o aviso do demónio.* Por saber disso, pedi-te que me chegassem um café. Recusaste, não querias acordar-me, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: respiro e transpiro, sabia que depois de me fugires para sempre não me fugirias mais e isso trouxe serenidade ao meu sonho de *cotovia-de-olhos-postos-num-alcaravão*. Dentro deles, declinava o solstício de verão com horas amazónicas e fardos de feno ardiam no centro do lago de *Tiberíade*. *Fumo ar água barro equador crisálida máscara torreão falcão-peregrino,*

vi-te chegar à janela e espreitar pelas frestas da persiana, acho que querias entender o ruído que vinha do andar de cima, se é que havia andar de cima, ou do sótão ou do *duplex ou de um céu aberto acima dos nossos telencéfalos*. Alguma coisa muito parecida com o braço da suspensão de um automóvel tinha caído de altura suficiente para fazer um estrondo de trovão sobre o nosso tecto. Depois alguma peça se desintegrou e tu voltaste o rosto como se já não quisesses saber. *Que pele de dióspiro,*

que cabelos de zanzibar iluminada, Brioncelo dedos de Fazioli alucinado agonizando na cave de um rasgacielos

: perdão, rio de mim, do meu sonho, do meu grunhido de raiz, da minha queda, dos azulejos que parti, dos tapetes que arrastei comigo aos tropeções. Perdão, não aguento o medo que ainda vive, faltam 14:15h para a ascensão da luz. Xailes bordados com pérolas de íris. Rota das sedas Marco Polo de Ormuz besta adaga caxemira alvoroçada lançada aos alísios. Encarniçamento das algas. Adamastor. Perdão, o meu sonho debilitou-me e as pernas não aguentam mais a pressão deste corpo aqui deitado numa tarimba de anacoreta. Sinais de fumo nos subúrbios da mente costelas assadas nos meus sentidos salsa cravinho gengibre macedónia de legumes,

cheirou-me a ovas de bacalhau fritas, foste tu que invadiste a cozinha de odores apurados, regaste a planta que nunca mais crescia e apartaste a fruteira para pôr a mesa. Estendeste a roupa que estava na máquina e arrumaste a que ainda secava na corda. Levaste-a para o cesto da roupa, para junto do coelho de pelúcia que lá não estava

: querias sair e meditar debaixo da figueira do quintal, eu sei que querias, tanto mais que ainda guardavas no bolso a escada de ir aos figos desenhada num pequeno moleskine rectangular. Eu sei que sempre procuraste as minhas sombras nas sombras das árvores. Nunca te disse que tantas vezes escutei atrás da porta quando só a ti próprio contavas os teus segredos, sentado naquela cadeira de vime que tinhas trazido de um campo de girassóis. Conheci-os a todos, os teus mistérios, equinócios do meu medo. Perdão, sinto-o na devida proporção dos teus segredos

Burhinus oedinemus,

terreno, furtivo, misterioso

: um sino ecoou no coração da noite, um tiro. Os amantes de Pompeia corriam de mãos enlaçadas pelas ruas da cidade e riam, riam muito de tudo, sobretudo das diferenças. Aparta o sol, que me dá nos olhos e eu quero continuar. Quero ainda ver o teu voo noctívago e o rebordo negro das tuas asas abertas sacudir o gelo opaco da cerração, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: o arauto troou a corneta, os aldeãos acercaram-se da notícia de última hora e alagaram de curiosidade a praça, *o capitão das ínsulas anuncia a demissão e vai pôr o seu cargo ao dispor em concurso público*. Depressa a aldeia arregalou os olhos, a ambição tomou a gente, a gente entrou em discórdia, a discórdia gerou conflito, o conflito deu lugar a guerras sangrentas e depois do açougue, a anunciação, *o novo capitão das ínsulas é o amante do bufo. Salva de prata, pirâmide, peitos de mármore e bocas de algodão, malva, incenso, mirra e alecrim, euros euros euros...*

Ave-leão, protege a tua vigília com o poder do meu sono, protege o meu sono com os músculos das tuas asas universais, esqueleto de fibras dilatadas, troca um resto da tua vida por um sopro da minha morte e os dois resistiremos à peregrinação. Resigna-te ao orgasmo desta noite a arder na labareda dos teus olhos amarelos, fome dos deuses saciada na fartura do único jantar do seu olimpo em ruínas. Gostaste sempre muito de ti, pavão de armar, vaiado pássaro vaidoso, da camisa que tanto insistias em que fosse nova, que quando a usaste pela terceira vez já estava ultrapassada. O meu árabe de terracota fez de duas gigantescas conchas de cobre, asas, e coseu-as nos flancos da caravela, não havia vento, era necessário forçá-lo. Repousou no convés e deixou que a organização do universo o conduzisse na travessia milenar das nebulosas. *Que paisagens pelo postigo da Nebulosa da Águia. poeira carvão hidrogénio papel e plasma. Pilares da Criação.*

Caiu neve na minha mão de fada e uma pérola branca pequenina resistiu. O candeeiro de cristal reflectiu um arco-íris de mim na parede

: nela o vermelho da vida com que me trota o sonho nas veias, que te põe a assobiar nos desertos da minha inspiração, nos ramos quebradiços das minhas certezas, perigosa certidão de existência,

nela o laranja dos ímpios carnavais, das luzes psicadélicas dos bailes de garagem, manta rota na areia nocturna de uma praia, esperma, achas a arder,

nela o amarelo das rosas, jardins de suspiros como nuvens de açúcar a flutuar num lago de cetim, gramíneas a repousar nos teus lúzios

nela o verde dos embondeiros principescos, dos campos por pisar, da seiva amargurada dos amantes infelizes, clorofila no louva-a-deus o pãozinho de cada dia,

Sob o céu de estuque que habitava por cima da minha cabeça, uma mesinha de centro; sob ela, uma caixa de madeira cravada de cornucópias guardava uma parafernália de relíquias, *uma chávena de café, um passe-vite, uma flor de outono, um anel olho-de-tigre, um saco de cerejas maduras, um rolo de papel crepe, um toblerone, o Palácio do Buçaco e meia dúzia de pingas de chuva, não tinha mais, porque*

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: em cima, grasnavam cartas com contas por pagar, 36 euros de água, 25.30 euros de gás e 0 euros de luz. *Tanta luz que me gastas, Brioncelo abutre das energias alternativas. Sugas-me a poesia*

: que lua manténs guardada sobre a maré dos teus olhos cheios?

que luz é essa que me entorpece o entendimento dos sinais

e me polvilha as horas de espumas misteriosas, de sais exóticos, de amoras douradas?

que ideia é essa, que me sobra um espaço imenso entre esse grão de lua que te habita

nas paisagens luminosas entre os cílios e esse pó de sonhos que insiste

na morada silente dos meus dias, no derradeiro cárcere da memória?

pétrea a calçada que percorro dentro de ti, ardente a manta de estrelas

que me sai da boca numa respiração de pregas.

baladas de ondas vagas estalam-me como caracóis de fumo de um dia que desiste

e a noite irrompe atada com folias cegas aos turbilhões de danças

que almejam a cratera do teu céu distante.

nascem-me pétalas e frutos no quando os meus dedos te tocavam

e na hora em que o astro fulminante já rasteja espremendo a exaustão do último raio,

brotam de lá pássaros embriagados de fogo que se exibem

a arder pelos mares de saibro do que te recordo sempre,

abafada nos soluços de uma dor mal acontecida.

enquanto a lágrima não chega da exaurida batalha de sombras

*queres falar comigo dos tempos em que as paisagens rugiam
com o roçar do vento nos canaviais e o silêncio estalava
num incêndio de paraísos prometidos
ou preferes emudecer o canto ardente das gardénias
ao parar o balanço das cores onduladas pela valsa das primaveras?
diz-me o que queres afinal, para eu saber o que posso ver quando olhar
os ventres das serras a parir efeitos fenomenais
que escorrem e fecundam e brotam dos caudais abundantes de verdes doces
pelas encostas suadas das montanhas
conta-me dessas flores azuis tapetes de ondas sinuosas
como marés vivas cravadas nos poros de um rosto salgado
rebetado em espuma de cinzas nas praias arenosas do passado.
vem estar comigo, ver dos sonhos suspensos na vida
e depois então, regressa ao lugar que te faça querer voltar
para a minha primavera colorida.*

A caixa multibanco não dava dinheiro – *saldo insuficiente*. Mentirosos, foi sempre suficiente para mim o saldo, fosse ele qual fosse. Contento-me com pouco. *Julgam-se donos da verdade, estes gajos do banco*. A dez metros da minha porta havia uma paragem de metro, mas eu só ouvia o pfupfuar do comboio : *PFUUUUUUUUUU~~~~~~PFUUUUUUUUUUUUUU~~~~~~*. *Senhoras e senhores, próxima estação: Esganeia-de-Cima*: afinal, aquilo que eu julgava ser um braço de suspensão, era uma bola de vólei. Indecente. Não admiti. Abriram um rego de água a passar pelo meu quarto. Sentei-me na borda da cama para refrescar os pés. Magnólias cresciam pouco na cidade, muito na carpete perfumada de fúchsia do chão caqui (*i.e. cavialá*). Os electrodomésticos deixaram de funcionar. *Nem pensar em comer a sopa azeda*.

*Regresso à rua depois de uma noite colorida de negro
o olhar foge-me preso de mim para se pendurar na borda de um canteiro florido
suspenso como um balão de fumo no turbilhão das esquinas
o canto da minha rua é o do rouxinol que faz vibrar o mundo que me espera
além dela, do que bate os fios das penas fora da prisão dos tempos lassos
curvei-me ao cruzar a última parede da rua
não era o vento não que me contrariava os passos
nem a eminência da voz que rasgava a boca da aparelhagem confusa
era perante o trono da circunstância que me curvava
vazio tolhido inerte transformado pelos dias sólidos num sólido assento sem história
nasci num país sem nome que se chama Portugal na Europa
onde as flores têm cheiro e não odor
onde os homens que falam não dizem
e as promessas gravitam entre o será e o não foi
nasci num lugar sem tempo e num tempo onde os lugares não têm vozes
nem as vozes sons nem os sons sentidos
entre a rua aonde regressei depois de uma noite colorida de negro
e a rua de onde saio atada à ilusão escurecida de cores
lembrei-me disto e
voltei para trás à procura do eterno regresso.*

O contorno dos meus brincos escondia-se por trás do contorno do teu isqueiro, que se escondia atrás do contorno da minha jarra, que se escondia por trás do contorno do teu castiçal de zinco. *Espelho. teatro de sombras. objectos desdobrados. Foste fumar para a varanda da sala. Não sabes que o regulamento do condomínio proíbe que se faça fumo nas varandas? Patela. eixo. trinca-cevada-número-um. verdade ou consequência?*

*era fumo o que saía da chaminé de uma casa pequena no distante cimo da montanha
e então como - sem ser fogo que queime -*

*era de uma cor que jamais vira em fumo,
só nos arco-íris prateados das minhas noites de aranha, deixei-me
plantada no sopé a tentar decifrar os sinais
e com os olhos cegos dos demais, a pobre humanidade,
quis ler entre as curvas, as ondulações
as ilusões ou a verdade dos falsos séculos pendidos
na mensagem luzidia que emanava daquela cor de alcatrão
a vociferar mistérios orgulhosamente ondulantes
a titubear sarilhos de todos os cumes perdidos, mas antes
tinha largado a saca dos sonhos que me pesava no ombro
de tanto vindimar horas sovadas pelos dias,
de tantos enxertos de vidas torpes
de tanto mondar as ervas vadias
das estações perseguidas por chuvas fortes
e, nesse mesmo segundo,
voltei a olhar o fumo a fazer cócegas ao céu
que, perdido de riso, zombava do mundo*

*: de que ris, Brioncelo? Porque não me levas a sério? Que queres (?), não gosto de ser
como as pessoas. As pessoas são feias e comem lesmas. Ou caracóis, que é o mesmo
monco, só que leva casca, e nas lesmas bota-lhe sal e não andes descalça filhinha que
vêm aí os lacraus e as negras carroibas vergastam de noite a lisura dos postes, cróias.*

A cidade pareceu-me estremecer aturdida por um ronco de erupção. Com receio que um mar de betume desabasse sobre o meu catre incorruptível, saí de casa e entrei numa sapataria que tinha um toldo cor de barítono com traves de ferro que guinchavam a verdete. Perdi-me no meio dos sapatos. *Tantos tantos muitos. Es de Lope. Tenho mimo e quero comprar-me uns sapatos*

: perdi-me por aqueles sapatos pérola, de cetim, comprei-os mas nunca cheguei a usá-los porque diz a minha avó que são muito sujeitos (e a minha mãe, não me diz ela

nada? Buraco nas malhas das gerações. chutte. chutt!). Não servem para andar, servem para voar com certeza. Para ir planar contigo, condor-real na minha imaginação. Os pássaros que voam mais rente ao chão hão-de consolar-se de apreciar as minhas solas. Que horas são? 45 em ponto. Nada cedo, nada cedo.

But if I'm one thing then that's the one thing I should know can anybody find their home out of everyone can anybody find their home lost in the sun can anybody find their home come on, come on, come on, can anybody find their home oh oh oh oh oh. Oh, Keane.

As urnas vazias esperavam que os eleitores cansados de um domingo de cancro de pele retardado por um piz buin se acercassem e fizessem voto de fé no político da sua crença. Avé salvação, ave saudação sobre o requiem pomposo das eleições. a luta continua, Rapina para a rua

: perdi a noção da espécie, o sentido das palavras, a orientação do texto. Troco bifurcações de consoantes por vogais rotundas e confundo as sílabas nas prateleiras. Patre-lei-ras, par-le-tei-ras, par-te-le-iras, par-te-lé-rias, parte-e-irás, chega-e-ficarás. Elisão. Elisa. Elias. Eliseu. O mundo roubou-me as ideias. Muitas ideias minhas nasceram antes de mim. São todas minhas, as ideias que andam por aí. Putas bargantes, mundo mundo.

A outra parte desta (aponto na minha direcção) nasceu comigo em setembro do outro lado do planeta. Tem de mim a coragem que nunca tive de partir. Pela janela, a liberdade. Pela porta, o exílio

: quisera ser ave, não das que têm patas e penas e bico, mas das que batem as asas e flanam com a beleza das estrelas de cinema. quisera ser lírio selvagem, não daqueles que nascem no monte, crescem e morrem longe das fábricas e do conforto dos apartamentos modernos, mas daqueles que ferem de seiva o coração da galáxia. quisera ser cria, não das que conhecem o mundo com a inocência dos que nasceram pouco, mas das que sabem que a criação é a certeza dos que ainda muito têm para nascer

: fechei os olhos, cortinas negras intercalavam com cortinas brancas, uma brisa fresca, um calafrio e meruginha sempre, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o dia

: descascavas amendoins para eu ouvir-te estalá-los mas comias azeitonas verdes e enquanto, com os caroços da boca, aspergiás o vidro do aquário para acertar nos peixes, eu bordei um quadro de cozinha a cruz, dobei uma meada de lã, fiz casaquinhos de bebé a ponto de arroz e um gatinho de croché para o meu pai pôr na parte de trás do carro, disse a *Miquinhas* que era assim. O curso de costura é que de pouco serviu. *Mas tenho ali um tecido africano que uma mucama me deu e ainda vou fazer alguma coisa dele, ai vou vou. Leilão.*

Uma manifestação de moscas postava em frente a um urinol da rua de *C. de V.* e um batalhão da polícia de choque atordoava as redondezas. *Fardas cartazes insultuosos, luto luta vaias tripeiras não à contrafacção não aos colchetes e aos éclairs e aos ilhós aos parafusos e às porcas que os provocam não às peles sintéticas não ao mijo na rua, caralho. insurreição das moscas*

A caravela quinhentista bolinava sobre a tertúlia desconfiada do olimpo e o árabe turvo marralhava o valor das flechas e dos arcos com um exército de soldadinhos de chumbo entrincheirados na proa. *Terra à vista, meu comandante*

: *ei-los que partem e eu quase a acordar, insecto-efémera, confinada à dimensão de um sonho, candidata a ave lunar pirlampo constelado na escuridão da matéria. Por que causa me deixarei tomar, prisioneira das estepes nos corredores da morte, ao primeiro raio da manhã? Espada libertina que me subtrai à essência*

: piquei-me num alfinete que carregava o mercador das estrelas na sua embarcação de linho. Fiz sangue e manchei de púrpura cor os lençóis de nuvem branca onde o meu corpo pesava. Os cães esgaçavam a noite com os seus uivos infernais. Eram de matilhas assassinas as suas gargantas, de trucidar as suas garras, orelhas espetadas no encaço da presa. As asas de concha silvavam invencíveis revezando os pós cósmicos. *Pás da lida. fungos da salvação.*

Acertaste com um caroço de azeitona na cabeça de um peixe. Morreu, *Brioncelo ave de rapina, usurpador de ilusões, supressor das castas paralelas que fazem sombra no teu plexo solar. Não queiras que a manhã anteceda a noite nem que a cerração preceda a luz. De qualquer modo, a ordem das coisas não espera por ti nem corre a seguir aos teus passos, porque tu não estás nem à frente nem atrás e é mais último o último de*

vinte do que o último de dois. Tu estás dentro e a ordem das coisas não tem olhos voltados para a alma

(dóis-me na poesia que gasto sôfrega de ti)

: eram mais ou menos quarenta e seis da madrugada numa cidade que talvez exista, era assim como que uma *quase-luz* a entrar pelas frestas indecisas de um quarto qualquer, quando a pulsação da terra fez a aldraba ecoar certos ruídos numa madeira de porta, avolumando tremuras de magmas e húmus e gestações de lianas e gerações de afrontas e afagos e afectos de mãos de ventos de mares de tempos diluídos no ar das lendas astrais

(contorço-me de dores, florete de mágoas transcortando os tecidos da carne)

: eram trinta e cinco pevides de terra e doze sementes de céu, cravadas pelos dedos calejados do dia, na seara verde da espera prolongada dos absintos, era como que uma onda de barreiras imóveis implantadas na senda flutuante da quimera, átomos de ilusão perdidos na meninice da noite intacta dos primórdios das madrugadas, na plácida linha maquilhando os olhos dos malmequeres, plantados nas faces tenras dos jardins das heras errantes – irmãs de estrelas fustigadas na solidão do firmamento e nelas entrançadas com os seus braços de *Babel*.

Se eu visse o que tu visses ficar-me-iam nos olhos o desespero da busca e a tendência desenfreada do embuste das cóleras; derramar-se-ia do pensamento outrora deslavado o conhecimento arrancado às sombras nédias, a cor coalhada na palidez láctea à tona do mundo, o piano fosco de um trágico comediante a rodopiar contorcido sobre as suas dores. se eu visse o que tu visses ficar-me-ia a ideia de mim, suspensa na margem de um rio cavado de seixos, no ventre redondo da montanha, suado de fluxos matinais e aluviões de sóis a pôr clarões e chamas e quenturas sobre os meus olhos rasgados de ártico

(guinchos lancinantes. lassidão exangue)

: quando a pedra do pico da ilusão rola do cimo da falésia dourada para vir rebentar na quietude incomodada das dunas ou desfazer-se na altivez fria dos recifes, os ventos gemem espezzinhados pelo seu galopar, os pós abalam atordoados pela violenta fricção da atmosfera da queda, as areias tremem ao seu bruto ficar e já nada é igual: a coroa da falésia vê partida a esmeralda-mor, o iodo perito da encosta revolve a marcha da

vitória, e da garganta do silêncio rebenta um fôlego de bafios lentos no estuário da morte da vida

: perdi-me uma vez mais. onde estou e o que digo. que faço com as minhas palavras? Trucido-as espremidas pelo sub. lanço-as à nascença já rasgadas pelos impulsos magnéticos do eflúvio vivo. pareceu-me ver uma luz, um feixe de assombração a tremeluzir sobre a placidez dos meus gestos. sim, rompe a terra o rebento do meu fim.

Acercaste-te da janela, puxaste a persiana e escancaraste-a até aos ossos. Porque te demoras aí, debruçado sobre a avidez do último voo, Brioncelo baba de cão espumando à miragem do naco da minha morte? Tenho trinta e cinco anos e uma chama limitada a uma noite. Acham justo que eu morra a um mês de cumprir mais um aniversário? Dou-vos um ano para me dar a resposta. Tenho prazos a cumprir.

Burhinus oedicornis,

misterioso, terreno, furtivo

: sinto um aconchego sem nome, ao ler-me, na vista com que me lêes, Brioncelo leitor, pilantra, que aprendeste o absurdo alfabeto só para me desvendares aqui, agora, deícticos das minhas letras sábias por saber. Cassiopeia anestesiante. profundidade da chuva. eclipse do irroçável.

Falhou-me o assunto, estancou-se-me o estro do fluxo semântico, os vasos temáticos comprimiram, fizeram mirrar a corola das sílabas. Neve na praia. tempestade de areia nos ares de vento da catástrofe. Em duas horas, um cavalo de pós mágicos calcorreou todos os treze cantos do meu quarto, num torvelinho frenético de pipocas. Pic pic pic. poc poc poc. as

: pombas desenfreadas rebentavam sobre o chão em menstruações impudicas e o baralho permanecia apagado em cima da mesa, irreverente, subtil. Rainha de copas. valete de espadas. Que impressão que me faz sonhar. vulgo sonâmbulo. nirvana na acidez dos alambiques.

Acorre a peçonha, flui a esgana pelas artérias colesteróicas da sanguínea cidade e os amantes selvagens treslocam-se de mãos dadas pela alucinação baça do dióxido, escapam zonzos por entre a asfixia dos néons. Sinfonia mórbida das panteras. enfarte

: saraivada de berlindes caiu. O céu aberto a dava. Vergastando a carnudez infecciosa da azótica camada (*sua pútrida*), rebentavam em secos arrotos no prepúcio do planeta para em seguida ejacular néctares perfumados de malva-odor, as bolotas de mascavado vidro. *Garganta flutuante. trilhos pálidos do bosque das assombrações. silvos do regato, narradores do silêncio. cabo do mundo tremendo a coreografia legal, no decreto do mandador invencível porque invisível, desde o paleolítico dos significados.*

Um bando de escaravelhos, num ritual circular, encarreirava baba sobre o tampo da mesinha-de-cabeceira. Eram insectos verdes e tinham cornos que faziam raspar uns nos outros até dar lume e incendiar as palhotas da aldeia que toda se torcia em línguas de fogo

: *reconheço-te na resina ferida que escorre o pus do húmus pelo caule exaurido do prazer. reconheço-te nas paisagens mortas, de um morto quase tão morto como os que viveram de mais. reconheço-te nos glóbulos mecânicos de duendes incansáveis que me habitam e me trabalham e me roem, noite fora, as horas gastas e as multiplicam. Sempre te reconheci por debaixo de qualquer dos disfarces e peles e máscaras e caras mil com que ludibriavas o destino. Reconhecer-te-ei até quando já não fores tu o Brioncelo das fábulas, o Pégaso boreal, quando não mais me abrires a tua capa de águas para exhibir o peito de prado vivo e fores apenas aço, num corpo de lâmina rasgando, de cima a baixo, a lei da gravidade.*

Ajoelhaste-te sobre as traves do chão e beijaste-o com a sofreguidão inebriante de um tornado. As últimas pingas desse inverno de agosto solidificavam na verticalidade da janela. Levantaste a gabardina que secara e olhaste as varas já enferrujadas do guarda-chuva. Até com os restos foste egoísta. Deste verniz na lama das botas, cobriste o espelho com um sorriso irónico e passaste a mão pelo cabelo de alcatrão. Aprontavas-te o alvorecer. Apontavas-te o alvo de ser *alcaravão provoca-dor, sémen esgotado*. Ficou aberta a torneira do banho e o mundo secou na minha casa. *Princípio e fim de tudo o que existiu*

: uma das vozes de Deus falou em mim. Eu era-O. Era o meu timbre adocicado de rola, era a minha vibração de mantra, era o meu diapasão faseador. Pingos luziam com a iluminação do mundo numa frota de embaixada rumando a terras de *près* do Preste

João. *Diáspora libertina. luciférase*. Os mareantes engodavam na falácia de um sonho lúcido, no mar. Em terra, os homens já não se aturavam. Saturavam-se. *Apagão*.

Uma girafa atravessava o deserto a passo de galgo. De odre ao pescoço e ferraduras nas patas articulando castanholadas de sapateado, muito se assemelhava a Maria Antonieta, a supérflua. Valeram-lhe as pestanas cleopátricas para encontrar o oásis.

Retiraste o solitário de cima do móvel de mármore na entrada e deixaste uma taça com champanhe no seu lugar, esperando o brinde que eu não te digo, *Brioncelo da espera interrompida, avião que chegue de lá e fique detido nos ares entupidos pela excessiva promessa de chegar. Hélices vagabundas. caixa negra das lucubrações interditas*

: esquadrinhei todo o corpo que carregava sobre mim, procurando as respostas para o ponto de interrogação que desembocava no meu umbigo. Senti os olhos cristalizados de azul, visionários, da minha mãe na ponta *destes* dedos e foi com eles que me apercebi, por cima do ombro, do peso das mãos sábias do meu pai. Apalpei-me as feridas das pernas de pedreiro do meu avô, cravadas por baixo das rótulas que em mim rangiam como madeiras de século. Foi por essas pústulas que não me permiti acordar e apear-me, o chão não as aguentaria de dor, não lhes suportaria a carga de uma vida de escavações na pedra da carne.

Japoneses em grupo, enfileirados aos pés da cama, captavam-me com *Nikons* digitais como se eu fosse o Matchu Pitchu estendido ao comprido sobre a vegetação de um lençol peruano, depois de um dia de exaustão turística. Pensando bem, acho que foi por eu ter abarbatado o primeiro lugar no Concurso de Flauta da escola. E nunca mais aprendi guitarra.

Sobre mim e sob o tecto movimenta-se um cortejo de palavras dando descanso ao milenar argumento da movimentação dos átomos para explicar que entre uma coisa e outra se passa sempre algo.

Para que saibam, as palavras da minha história, não sou eu quem as procura, são elas que me perseguem e se me impõem com a persistência da sépala. Grotescas, fajardas, caríssimas, as minhas palavras de ti, leitor, júri do júízo final, irrevogável, irrecorrível. Faço os meus textos com os textos dos outros, como arranjo a jarra com as rosas que roubo, biltre, dos jardins dos meus amigos. Eu também as tenho, as rosas dos meus

amigos. Mas as minhas rosas dos meus amigos são intocáveis, palavras que não-de morrer virgens fecundadas pelo falo aguçado da fala. Introduzo-as num saco, embaralho-as, tiro-as à sorte e construo frases. Poesias minhas os fortuitas casuais das versos. Alea jacta est

Numa flutuação de harmónica, desci as escadas do cimo do meu colchão até ao soalho, que me implorava com a sofreguidão que estremece no bico de um borrachinho esfomeado. Muito lentamente, para não escorregar na cera daquele chão de bulevar parisiense, cerzido de troncos robustos arrolhados por largas cápsulas de verdinegro, fui-me a pairar até ao outro lado do mundo, na parede em frente. *Serão meu das antenas mil nos telhados de colmo. rescaldo verde na cidade de coágulos e de bolor.*

Não me contes coisas, Brioncelo. Quanto mais souber mais perco à hora da morte e eu quero morrer vazia, clara por dentro, oca de semas, dando espaço para os fantasmas negros dançarem a valsa das sombras sobre a gaiola de todos os remédios.

: era chegada a quadragésima sétima hora daquela exclusiva noite da minha vida de 47:03h e ainda me restavam alguns minutos. Faltava-me ainda sonhar com as vertigens da nudez palmilhada até ao último sopro. *Música céltica. harpa fustigada pelos estios. Arde-me o peito, florzinha, chega-te a mim, cobre-me de pólenes húmidos esta pele de sapo, escamas esfarrapadas, fala-me dos teus palácios, das tuas crenças, dos teus espectros de lume. Não vás, ainda sobra tanto,*

e Brioncelo ronco de caverna, dívida da providência derramada sobre a crosta dos subterrâneos, já não ouviu o meu apelo desesperado, embriagado pelo esgar opiáceo da madrugada, aturdido pelo terramoto parido em espirais de luz a rasgar fendas frias, cáusticas, geladas na sepultura árida da manhã, porque

a noite estava tórrida e era agosto e já não ias sair até romper o

: DIA.

- Fim -

CONTO

2º CLASSIFICADO

REVISTA, ABERTA

Lote 12 – 2º frente (x-rated)

Enfiou suavemente a chave na fechadura e rodou-a com exatidão; aquela era a sua chave, aquela era a sua fechadura – nada o poderia satisfazer mais, até porque não era todos os dias que o dinheiro podia de facto comprar a felicidade. Era uma chave bonita, quase uma obra-prima: comprida bronzeada, quase demasiado comprida para caber na fechadura, quase demasiado bronzeada para não ser notada; suave ao toque, mas turvava o chão de tão brilhante. Já a porta não era a sombra do que fora nos seus tempos áureos, jovem envernizada, mas enfim também lhe tinham dito que era sem compromissos: tanto podia usufruir dela durante uns tempos como entregá-la ao dono sem sequer esperar pela hora do comer. Ele não tencionava devolvê-la. Tirou a chave da fechadura com cuidado e guardou-a nas calças, protuberância na ganga. Foi para baixo aliviado, deveras fascinado com o arbusto à entrada, nunca tinha visto nada tão frondoso: era o paraíso. «- Por ali, se vi eira, não me lembro.»

**Froid**

Há uma boca rubra. E há um seio destapado. Mais não é preciso.

No início, era Ela ocupada na poda da planta do vaso. Ele rastejou até Ela e Ela olhou para Ele a sorrir. Num gesto de eternidade, penteou o cabelo com os dedos para trás das orelhas e desceu, obediente e silenciosa, a alça da blusa. Ele, impaciente, apertou-lhe as ancas largas. (Oh, a imagem do rapaz a trepar uma macieira curvada do jardim que depõe o seu fruto já perto do manto para que a queda grave não o impeça de lhe saber o sabor!) Tocou-lhe depois no soutien folhado; nunca no mundo foi desenhada peça mais sublime que o desgraçado pano que protege, tapando, o peito de uma mulher, mas que permite que se veja ao frio a saliência dos mamilos, somente porque seria demasiado sacrílego cobrir inteiramente o que Deus procriou com tanto amor – todo o deus precisa de seduzir para ser amado na sua eterna perfeição. Ela desceu a alça do soutien e puxou

o seio para fora, convidando à boda. Ele agora parecia mais calmo. Pressionou o indicador sobre o mamilo escuro e duro, divertido. Abriu devagar a boca e aproximou-se do que lhe havia sido oferecido de língua para fora; uma mama, uma maçã, o sol – para Ele qual a diferença? Começou a sugar, sôfrego. Ela ia deslizando a mão suja de terra pelas suas costas. Por momentos, ficou violento, beliscando e mordendo, crente no gozar do que era seu por direito. O vaso caiu. No final, cansados e aquecidos, a mãe voltou a vestir-se, pegou no bebê ao colo, limpou-lhe a boca e encostou-o ao seu ombro para que arrotasse.



Pérolas e porcos

O livro espesso sentiu-se violado de alto a baixo pelo marcador.

O executivo pousou-o sobre a mala barroca de cabedal que estava no assento de trás e saiu. Apertou o segundo botão do blazer que lhe disfarçava o abdômen, a gravidade não perdoa o Homem, a idade muito menos, e, enchendo o peito de ar, caminhou em direção ao lampião da lâmpada fundida estoirada e pisada no chão, dando a volta ao motor do carro. No ar, o toque-toque do sapato suficientemente bicudo para lhe alongar a linha da perna e dar a ilusão que mede dois metros e calça mais do que o quarenta – toda a gente sabe o que se diz dos homens com pés grandes.

Aproximou-se da puta e estendeu-lhe a mão polida. O brilho da aliança de ouro estendia-se a toda a mão, se fosse Midas, estender-se-ia igualmente ao seu sexo, mas não ali, a aliança quase nem se notava naquele beco sem luz. Talvez por isso já nem se desse ao trabalho de a tirar do dedo, nem seria preciso, quando não há compromisso, um anel no anelar não faz a diferença.

Aproximou-se da puta e estendeu-lhe a mão limpa e polida. Ela não lhe deu a mão, as putas não beijam nem dão as mãos. (Que erro, meu amor, quando não há compromisso, um beijo e um toque não fazem a diferença!) Passou por ele sem sequer o olhar e entrou no carro, ocupando o lugar do morto. Depois, o executivo desapertou o botão do blazer e, puxando um pouco as calças pelo vinco, sentou-se no seu lugar. Fechou a porta.

A puta não tem nome. Não há que se chamar Madalena para o ser, nem convinha que assim fosse, senão saberíamos logo o nome do executivo, que isto na vida é assim, umas coisas levam às outras. A puta não tem nome, mas, querendo, chamem-lhe Sara que ela

não se importa. O executivo, desculpem, não vos satisfaço que não sou puta, ficará executivo, para não correr o estúpido risco só para alguns compreensível de em jeito de homenagem lhe chamar, ou dar qualidades de, mago.

Em primeira, nada aconteceu no carro. Já puxando a segunda, teve de parar num semáforo e as mãos da puta pintadas de vermelho mexeram-se um pouco no regaço onde tinham sido enterradas desde que se sentara.

Arrancou de novo, cerrando os dentes, e, depois de meter a terceira, passou faminto a mão branca limpa e polida pela coxa roxa da mulher, não a sua, mas aquela mulher. Talvez visse a sua ao apalpar aquela, talvez por isso lhe tenha chamado "mulher", ou somente porque todas as putas são mulheres, por uma questão de género, nunca o contrário, claro. Ela deixou, não estava ali para outra coisa, uns ainda queriam conversar, mas este não, nem sequer havia ligado o rádio para criar ambiente. Frio, confortável mas incisivo, não íntimo – uma execução. Daqui para a frente, só se ouvirá o gemer dos dois, porcos que caíram do precipício possuídos por uma legião de demónios.

À quarta, já ela havia largado os sapatos e atirado as cuecas para cima do livro espesso sobre a mala barroca de cabedal; *isto, no fundo, mulheres, quem não as conhecer que as compre*. Depois, no colo do executivo, ou carrasco, conforme a metáfora, o fecho deslizou. Primeiro, para se guiar, entrou uma das mãos até tocar nos boxers de seda, por fim, atirou-se livremente de boca, olhos fechados. Como uma cega, tateando para ver.

O executivo olhou, por momentos, o espelho retrovisor e viu-se refletido, com uma ruga pregada entre as sobrancelhas e uma veia latejando na fronte.

No cumprimento da quinta, espessura diminuída, fecho subido. O orgasmo foi um jato de energia de pernil esticado em que o pé pisou potente a embraiagem e a mão empurrou a mudança num impulso para a frente, levemente para a direita.

O demais é rebobinar: a mão sai esmeradamente das calças para o regaço, a boca suja e esborratada aparece esmeradamente pintada com um batom gasto e pegajoso, diferença pouca, a camisa amarrotada do executivo está agora esmeradamente engomada... Já se sabe que as mulheres fazem tudo com esmero, foi com esse intento que Deus as criou.

No final da noite que é também início da manhã, dependendo do ponto de vista, como dois copos de gin a namorar num bar, um meio cheio, outro meio vazio, um mais bêbedo do que o outro, já o sol cegava através do brilho áureo da aliança.

Ao voltar para casa, o executivo beijou a mulher, desta vez a que tinha uma aliança a condizer com a sua. Deitada como uma pedra, não como um morto, que essa posição

está reservada para as putas, com um colar de pérolas no pescoço que se havia esquecido de tirar. Se o marido passasse mais tempo em casa, talvez tivesse notado o esquecimento e a avisasse, estendendo a mão velha branca limpa e polida.

Ao voltar para casa, a puta beijou aquele rapaz ali estendido, deu-lhe a mão com que não masturbava velhos famintos, não que a outra ainda estivesse suja, meia para bom entendedor, mas por uma questão de princípios, se é que as putas têm direito a tê-los, e, finalmente, olhou-o nos olhos.

Uns olhos muito abertos gritando que a amava não sei por que palavras, se «ainda bem que chegaste.», se «por que demoraste tanto?», se «não serei eu a atirar a primeira pedra!», o Senhor está em todo o lado, é certo e sabido, se «tenho sono, mamã...».

O executivo cheira a putas.

A puta cheira a executivos.

O livro ficou largado no carro, gozando a violação sobre a mala barroca de cabedal. Era um livro com muitos livros dentro. Um livro espesso, com muita luz dentro. Biblioteca compilada da palavra da salvação, amén.



S&M

«E depois você esquece que a união mais íntima entre duas pessoas não é a dos políticos, nem a dos artistas, nem a dos amantes na cama, nem a dos pederastas que é maior união por serem perseguidos como os cães: a união mais íntima é a do carrasco e da vítima.»

Vergílio Ferreira, *Signo sinal*

Sem pudor, um prego dois pregos três pregos (im)pressionando, rompendo a carne, o corpo: a mão a mão os pés em cópula; o sangue começa a jorrar, abrindo caminho como moisés pelo mar, vermelho; um arrepio na pele, entesam-se-me os pelos, contraem-se-me os músculos; ergo a cabeça, revolvo os olhos numa tontura devassa; eles olham-me, com um sorriso de satisfação explodindo na cara, amor-ódio, querem ter-me e querem ser-me; ergo a cabeça, revolvo os olhos porque assim o corpo violado me ordena, mas também porque eles me olham, para que eles me olhem, estamos em comunhão, eu sei o

que fazer para os agradar, grito, o peito vibra sobre eles, sobre o povo, sobre o demo, recebem o suor que cai vertical; sinto os espinhos os espinhos os espinhos, fecho os olhos como para voltar a mim, espetam-me uma lança, volto a eles, precisam tanto de mim como eu deles; diz-me, tu que chegas, vens por mim ou pelo espetáculo em si, pelo sangue, pela carne?, animal, não tem mal, coroaram-me, os espinhos os espinhos, cuspiram-me, bateram-me, bateram-me com grandes chicotes que faziam o barulho das ondas contra as rochas, não tem mal; espiam-me, Deus os homens e os espinhos, com um reles pano meio-mostrando o sexo pio, arrepio, assim me recordarão, ovelha de lã virgem, são os homens de mais poder, precisamente por o possuírem, que mais desejam entregar-se; enquanto me dão prazer, matam-me para seu bel-prazer,

Mas perdoo-lhes, pai, que eles sabem como fazer.



Ad hominem

Algures perto do rio, outono cálido ou tom cúprico, t0 tal.

Sol das cinco pela janela, *um jázinho* gelado para o jantar.

Negro o teu corpo, nego o teu copo.

Deitado no chão, sob a vista para a cidade, apareces-me deitado de sol a sol, um deitar na encosta do teu torso, um rumor de luar no peito, uma réstia de luz na escuridão, uma nascente rompendo do teu umbigo, um astro resplandecente sobre o corpo nu, queimadura de primeiro grau.

Prostrar-me a teu lado não é ceder ou fraquejar. Os meus joelhos tocam-te os ombros e bem vejo como sorris, lá dos pensamentos que te elevam sobre a vista para a cidade. Nem regressas, só sorris, como se despertasses lenta e levemente de um sonho para ouvir a campainha e logo de seguida tornar a adormecer.

A tua companhia compensa tudo nestas

Horas. Do novelo de nylon corto poucos fios. Aproximo-me de ti e beijo-te a fronte, num ritual clássico que este sol evoca. Depois, seguro com as duas mãos um fio e

envolvo a tua cabeça, dando o nó onde havia beijado. Selo o ato pousando os lábios nas tuas pálpebras fechadas.

Roubo rapidamente um fruto dos teus lábios ausentes e demoro-me no teu pescoço, beijando com cuidado a (*jesus for the*) *jugular*. Agarro outro fio e amarro-o à volta da garganta, como num condenado à morte.

Desço ao peito e encosto o ouvido ao teu coração...

Mirrado, um beijo seco no mamilo e uno os fios, embrulhando de presente cada um dos bíceps. Bebo a luz do teu umbigo e ouço o relógio.

As minhas mãos deslizam pelas coxas enlaçadas, encosto a face ao sexo murcho, ósculo, penso até que uma lágrima de gratidão, e ato-o com um fio.

Termino beijando longamente os joelhos e, sobretudo, os pés, derradeira prova de reconhecimento, não de submissão, nunca de submissão. De quatro, com fios prendo todos quatro, par a par.

Ainda não sei quem és, mas acho que preciso de te imaginar. Talvez até sejas eu.

Sim, sou eu.

Nem regressas, só sorris.

RDV

Ainda que os peitos exalem o último folgo do fogo, logram os corpos de um fervor que não falece.

«Vendo o meu amor, quem é a puta aqui?» – um soldado pensa.

O fumo do cigarro que queima independente une-os em círculos espessos, replicando sob o chão o encontro dos corpos que há pouco se enrolavam na parede.

O jantar permanece intacto sobre os tabuleiros na cama. Aliás, intacta a cama permanece; só a cama, em todo o quarto, por tocar.

Mal fechada a porta e de roupa ainda servindo o corpo, já os dedos costuravam fios de saliva nos linguados. Os mesmos dedos que, depois, procuraram explorar a fenda cava dela com habilidade, enquanto a boca carnuda sussurrava diretamente à dele palavras de espécie erma.

Encostou-a à parede e ela, não podendo dominá-lo com o olhar, enlaçou o presente ilícito como um cilício com a perna. Mera provocação, a trepa das meias tubo vermelhas (red hoes); esse perdido.

«Private!» – chega-nos irritado um sotaque da porta que dá para o corredor do hotel. Os dois erguem a cabeça, lânguidos...

Quando a viu, o soldado só queria divertir-se, era bem provável que fosse para morrer naquela guerra onde o sol nasce, e não só a virgindade lhe pesava nos colhões como uma bota como o dinheiro faz sempre falta para dar sentido à vida.

Quando a vendeu, tanta era a ânsia no olhar rasgado da rapariga que ele pensou seriamente em recusar a oferta, mas a minha capacidade persuasiva verga qualquer d'lido.

Quando a vendou, rompeu o seu olhar raso o sol do oriente no vermelho da renda e, aí, ele sorriu-me, através da câmara.



A cova d'Iria¹

A virgem brilhava de expectativa, o mesmo brilho que se diz encontrar no rosto das grávidas já nas virgens se manifesta, ovulando. Ordenou então às crianças, velhas e novas, velhos e novos todos crianças, que se ajoelhassem. Submissamente cumpriram. De joelhos na cova da Iria, línguas mexiam como se rezassem, mexiam como dedos sob saias, baixinho uma oração de amor. A cova era demasiado pequena para tanta língua, salivando amontoavam-se, muitos nem sabiam o que fazer, mas continuavam, algo dali acabaria por vir. Começavam já a entrar em êxtase, diziam ver a luz a luz. A virgem segregava obscenidades aos seus ouvidos, segredos por desvendar como seios tapados com um braço. Era pura a puta, como o leite que escorre das tetas, aliás, como uma vaca sagrada cujas tetas escorrem leite. Como conseguiu, erguendo a saia sobre as suas cabeças, vir a virgem e dominar tão facilmente os espíritos simples? Porque ficaram eles prostrados sobre a cova da Iria deixando-se sodomizar? Nisto o sol já ia alto e ninguém conseguia olhá-la de baixo. Gesticulava tanto que parecia dançar no ar e eles alimentavam-se desse gozo, sentindo a graça entrar-lhes pelos olhos pelos ouvidos e pela boca. Por fim choravam, mas cada um por si sozinho com a sua dor, batiam com as mãos no peito sujas de terra, uma dor aguda e feliz de quem não se sentia assim entusiasmado há muito tempo. Depois vieram os jornalistas, foi-se a virgem e ficaram as crianças, cansadas, e a história foi contada como se de milagre se tratasse. Porém, ainda hoje continuam os desse tempo a gemer secretamente a liberdade orgiaca com que a Iria se abriu para eles pela última vez.



Parecem bandos de pardais à solta, os portugueses

O néon inebria, (Ne) bula para comer carne em dias de abstinência. Desdobramento barroco, santinha de dia, de noite (denote) demónio, cona conotativa,

feia ferida,

foda infiel.

¹ título inspirado por *Le con d'Irène* de Louis Aragon

Símbolo e diábolu, tudo tanto tato. Em certo baile de máscaras entram e as papilas salivam, como animais. Na rua, nem para trás olhariam, ao passar. É um outro olho que come, *o bacalhau quer alho*.

A música retoca e a convenção do número dois decreta-se em réplicas no quadro da pista, *de mano em mano ou de mana em mana*. (Quando o teu número ímpar, l'azur anzol?) Antes dançar com um desconhecido do que sozinho, dizem, sozinho é triste, *erro errando errante (pela noite fora, embora a lua brilhe tanto como outrora)*. Nunca é de mais repetir «desconhecido», ninguém se conhece neste jogo circeu (mas também circense), todos anónimos, dão pérolas a porcos, não dão nomes aos bois.

Algures canta morto o santo pop avariado (ágon: ser enterrado vivo ou morrer de abominável condição inominável?), odeio esta música. Todavia,

mostarda branca, sinapsis
alba, hirta, boca aberta,

a escorrer pelos cantos como resina. Os animais na selva fagem-se, não mais que animais, senão digam-me: onde guardam a humanidade? Sem makas, dizem, é o adeus à carne.

Domingo farto, a noite acaba exangue. De manhã, tripeças escondem as marcas de mártir. Vão à missa, confessam-se. E a confissão funciona ainda como um prolongamento do sublime, prazer e dor, em cinzas. Alivia a Paixão.

De novo a dinâmica bipolar, o cerne jorra para os dois lados: se falo, sinto; se ouço, cinto. Cada palavra dita é ar chocado, língua, dentes e lábios; cada palavra ouvida é ar pressionado, rompendo frequentemente o canal. De novo saliva de novo sabor. Saber deguisado.

Ninguém te percebe, certo sabido (mingado), arrogância seria pedir mais. (Vale!)



Baile de outono

«Cai a tarde
Meu amor rega as plantas»

Adriana Calcanhotto, *Sobre a tarde*

Eu aspiro a um amor de outono. Um amor que não precise de queimar para existir, somente o calor que é calma, que sabemos que existe porque não sentimos frio, mas pode até chover, se for como agora, sem bater nos vidros e derrubar as árvores, numa trajetória vertical do céu ao chão, tranquilamente. E o odor da terra e da relva que se vai soltando: assim cheira o meu amor. Quero um amor velho. Velho de maduro, não velho de monótono, mas, mesmo que seja monótono, mesmo que esse amor seja um amor de rotina, ao menos que seja bonito, que também há beleza e paixão num amor quotidiano, eu sei que sim. E nesse amor não é preciso suar, nem é preciso arranhar, nem é preciso morder, nem é preciso sofrer. E se houver sofrimento que seja a dor de cada um, a dor antiga que vive em cada um e que cada um ajude a dar de beber a essa dor como a chuva vertical, sem bater nem derrubar. Um outono que seja homem ou mulher, um outono que dure quatro estações e uma vida curta, que a vida devia sempre ser curta, um homem ou uma mulher que se sente num sofá de um só lugar e fique a olhar o telhado do prédio em frente, um amor que não se importe de sentir o vento no cabelo e as lágrimas a fazer cócegas nos cantos da boca. Quero um abrigo, quero um amigo, um amor que é fim-de-tarde e eu chego, cansado, e sento-me no chão, pousando a cabeça no seu colo, no seu colo de mulher, no seu colo de homem, e descalço-me e dobro os dedos e sonho dançar. E o amor ali: outonal fim-de-tarde sofá abrigo. E, se eu me levantar e pegar a cara do meu amor com ambas as mãos e me aproximar da sua boca, o outono cheira a café. Eu que gosto mais de chá beijo-o com cuidado para que o café não se dissolva todo na saliva e desapareça, quero um beijo de café, um beijo platónico, se tal é possível. É que, sabes, nem sempre quero ser animal, nem sempre quero suar arranhar morder sofrer. Às vezes, só mesmo a chuva me faz amar e, se acaso fores uma alma velha como eu, perceberás como é muito melhor a luz-lago ténue e amarela do ocaso sobre o prédio do que a noite de sauna dos corpos agressivos. Só um abraço quente de lã em que os dois troncos se unem e os ramos se enrolam e não há pele nem veias nem músculos nem sangue, um abraço que não leve sempre ao fervor. Quero sentir-me

seguro, independente do meu lado animal: usá-lo, selvagem e egoísta, e enjaulá-lo para o outono. Quero o meu amor divino como uma voz lírica sobre um beat oco de madeira ou um poema francês e a limpeza dourada da harpa ou um cavalo urrando rosas ao mar.



para que conste, vale ter o gu[a]má em constante pororoca, nem que seja pelo erótico pictórico do barulho sáfico das ondas onde quebram: coxas escachadas encaixadas por dobradiça como pratas rachadas a transpirar luz ao sol; fricção extática, ouçam, ancas curvilíneas de feras onças pintadas riçando a eletricidade estática; seis seios, seixos, eixo bicado, arremessados; cachos escadeados encaracolados em rixa nas frestas do torso; bocas ratam todas bocas

se a perda
procela
aperta-me

que ar ou lei na mar[é]
esse elo?

ao sul
refrega
aperta-me

perto do leito vazo
naufrega



Plúmbea ekphrasis de breve mão Dada d'um homem e sua mulher rompendo o mar em slowmotion

O sol bate-me diretamente no rosto e, embora de olhos fechados, não é no escuro que me encontro. Filtrada pelas pálpebras vitrais, a luz produz um efeito caleidoscópico que me deprime e anima.

Abro os olhos da preguiça e, esmaecidas as cores do sistema solar, vejo tudo em tons de chumbo. Apoio-me nos cotovelos, peito aberto, fincando-os bem na areia. Fito as ondas com enfado, enquanto não se restituem as cores nos meus olhos, e, então, vejo.

Irrompem do mar em manancial e, de tão longe e tão fundos no mar, quase só as cabeças permanecem fora de água. Vão saindo aos poucos do ventre marinho, húmidos e lustrosos.

A mulher sacode o cabelo viscoso de salitre e amarra-o com ambas as mãos. Uma gota de suor rebenta gorda da testa, unge o canto do olho e invade facilmente a fenda lubrificada dos lábios. Brota outra da clavícula que mergulha necessariamente nos seios e desliza como uma língua até ao umbigo, onde se demora.

Lentamente, a mulher estende a mão ao homem e os dedos penetram no espaço-entre, preenchendo o vazio natural das membranas. Ambos sorriem lascivamente e a concha das mãos dadas roça de quando em vez quer a perna de um quer a perna de outro, acariciando. Caminham muito devagar, submersos na vaga de calor que turva a vista em breves jatos de vertigem.

O homem tem um porte de mastro que imana um cheiro forte a mando, os braços largos e o tronco sulcado em sequências de vales e planaltos de pele queimada. As pernas de ébano cinzelado rasgam com vigor o íman da água que se lhes vem colar, passo a passo, escorrendo-lhe espuma branca pelos pelos.

Os corpos são inteiramente beijados pelo sol; lambuzados os ombros, as costas, as nádegas, as coxas, num deboche de cascata fluida. O sexo, o dele como o dela, violado na sua nudez pelo coito das ondas possantes, jorra água do mar de volta ao mar...

Subo: ele aperta o corpo dela contra si, sentindo-lhe molhados e firmes os seios, e lambe-lhe o sal e o sol dos lábios.

Finalmente, começo a distinguir as cores. Viro-me de barriga para baixo e fecho novamente os olhos, indiferente, entregando-me à nitidez do caleidoscópio com a certeza de que, já dizia o escritor, todos os corpos são belos saídos da água.

Ben, u r on!

- Hoje não, dói-me a cabeça.

Assim todas as sextas-feiras, desde que voltara para casa.

Ninguém sabia porque fugira, muito menos o que o fizera voltar.

- Hoje não, dói-me a cabeça.

- Já tomaste um ben-u-ron?

- Não gosto de medicamentos, comigo é tudo ao natural.

- Não sejas pímulas.

Assim todas as sextas-feiras de sexo.

O marido já não conseguia o cumprimento do cumprimento.

- Ora bolas, já não se pode não ter vontade?

- A culpa é da vontade, é. Andas mas é com outra, é o que é.

Ben sentiu-se ferido como um passarinho e atirou-se a Mary como um leão.

Rasgou-lhe as cuecas com os dentes, rráu, e arranhou-lhe as coxas com a barba.

Como um leão.

Mary gostou, claro, um rráu calha sempre bem.

Estava até estupefacta: não conhecia nenhum conto ou fábula em que um passarinho se transformasse tão vigorosamente em leão.

Teria, portanto, de ferir mais vezes seu passarinho para consolar a passarinha...

Mary gostou. (Qual ben-u-ron, qual quê!)

Ben não sentiu nada nada nada. (Piu.)



V[II]HS

«You could'a been a legend
But you became a father»

The National, *Slipping husband*

Por no verão aquecer, o Joel deprime.

Ao contrário do senso comum, quem disse que a maioria determina a verdade?, explode agosto e este homem deixa sair os filhos para a praia e fecha-se no quarto à sombra do armário, deprimido porque o excesso de tempo livre o obriga a enfrentar aquilo em que se tornou.

Vai buscar as cassetes de vídeo e fecha-se no quarto com um pacote de lenços; o calor aperta lá fora e solta-se dentro dele. Insere uma na abertura, as unhas roçam os lábios, e senta-se em frente numa posição cómoda, à espera.

O filme começa com um travelling celeste, enquanto fogo-de-artifício fertiliza o palato sideral como espermatozoides de cabeça cortada. Corta para o título.

Depois, um ritual. O homem reconhece-se: de joelhos. Ao seu lado, a melhor amiga que se tornaria sua esposa. E vários homens ao redor, sobre ele, caras que hoje, vinte anos depois, se lhe afiguram como a perfeita alegoria da juventude perdida.

À medida que a longa se vai desenvolvendo, o círio jovem erguendo-se em todo o seu esplendor rochoso de caliburn a gosto, os lenços molhados caem-lhe aos pés.

Finalmente, a boda, numa curra de convidados revezando-se na *dansa* que entremeia o banquete. Macros de arranjos de flores de cheiro e do trinchar da carne que dilata e se esvai em seiva e rangidos de satisfação.

A duração do cacete chega ao fim e o Joel fica em silêncio, a pensar que aquele tinha sido o ápice do dorso da sua vida, a pensar em tudo o mais que poderia ainda ter conseguido, não fosse. E o dinheiro que poderia facilmente ter juntado, que com os mesmos homens se ganha mais do que com outras mulheres.

Com uma crise existencial assim é difícil limpar da frente o jáculo quente da há muita extinta carreira de ator gay porno.



Tinha uma pedra no meio do caminho (dur' mundo) no meio do caminho tinha uma pedra e, não fosse ter tropeçado nela, não teria reparado nos calceteiros com os calções quase pelos joelhos; ei-los. Olho-os, intrigado, pergunto-me como será ter um cu listado, meio-bronze meio-cal – tal e qual.

As mãos calejadas arrumam as pedras do passeio, parando de quando em vez, impudicas de anseio, para arrumar as viris pedras do xadrez (come o bispo ou o bispo come-te); de costas, um deles decide não mais usar boxers. Passa o cão. Não longe, não raro, ouve-se um grito são joanino.

Percebem, por fim, que os olho e atiram-me palavras como pedras (*shari'a*), jatos brancos que me acertam no queixo, na boca e em derredor, rimas barrocas que me enchem de cor o rosto. Fujo, tão *envergonhado* que acabo por entrar na primeira porta que encontro aberta (e não é assim, ordinariamente?).

Lá dentro, a abafar a palha, os animais e, no centro, um rapaz descascado, entregando-se aos demais que lhe pagavam com joias o o(ri!)fício aceite... Galo, co' que canto acabarás tu este conto, pela manhã?



Calas a mãe morta

E depois gasto acordei a pensar que a minha mãe tinha morrido, hei um dia de chorar chorar chorar esta perda este dano pior do que a fecal outra verdade, *escutei-me a mim próprio fora de mim soava acidentalmente como o ronronar de um gatinho, mas sei eu lá*, escrevi-te a dizer menos que precisava de te ver e vesti-me de branco vestal, certo de que hoje começa a primavera, não em mim transatlântico, e de que breve estaria finalmente nos teus braços para deles retirar a força de que preciso e uma ocasional ferida de fricção, falando pelos nervos dos cotovelos até ter de me despir inteiramente engolir a humilhação da nudez e dobrar-me em corpo e alma, que sempre é sobre-real porque absoluto, para poder ver de fora como quem espera a sua vez os nossos corpos retrovisores em choque na cadeira, mas além da acidez da luz cresce em mim uma oração que não quer ser sacralizada

eu sei-me, senhor, indigno de entrar em tua morada,
mas direi ‘ma só palavra e, então, estarei a salvo

e logo re-entro deus em mim, entusiasmado, para me aproximar do teu olvido leal e lhe poder sussurrar a palavra redentora do meu desejo ainda em sangue que imagina como serias de cabelo comprido agora que o leite secou e nos tomou o choque que só o tempo conseguirá erodir paulatinamente, chovendo rio oiro.



diva nudi vã [1/2]

E estou nua – aberta e gasta como uma revista de consultório.

Nunca antes me entreguei tão completamente a alguém. O meu corpo não conhecia intimidade assim, tão violenta e sincera.

Ela pergunta-me se quero continuar, esgotado que estava o tempo marcado. Como fui eu deixar que me vissem a forma? Obrigou-me a despir, amarrou-me para que não voltasse a cobrir-me e agora diz-me para continuar porque quer observar-me mais de perto, quer entrar em mim e possuir tudo o que é meu? Acrescenta que não terei de pagar mais do que o combinado e sorri com um olhar penetrante de dedos em fendas e feridas.

Deito-me, virando-lhe as costas. Choro e arranho a pele do divã com as unhas limadas, enquanto gemo baixinho. Ela consola-me. Gosto da forma silábica como pronuncia o meu nome: Di-va; a cada sílaba, entesam-se-me os pelos num arrepió múltiplo com a respiração dela na minha nuca.

O meu corpo suado é pressionado contra o divã num torpor de sentidos, sei que estou descontrolada. Levanto-me de repente e, percebendo que me quero ir embora, levanta-se também e abraça-me demoradamente. O seu odor é doce doce.

Aliso a roda bordada da saia com as palmas das mãos e saio.

Na receção, dizem-me que a próxima consulta só poderá ser em setembro porque a minha psicóloga vai de férias. Não me sinto de todo limpa ou melhor do que antes. Se calhar, nem volto.



diva nudi vã [2/2]

Foi a única coisa que ele disse, e os músculos tremeram-lhe no peito escuro, que costumava demorar e não raro doía.

Deitei-me, outro divã, e perguntei se não podíamos ir mudando de posição. O neg'o negou.

Depois, desabotoei a blusa, enquanto ele esterilizava o brinquedo, e inspirei bem fundo para me acalmar, mas a princípio foi difícil porque as mãos dele estavam demasiado geladas para o serviço.

Pela vibração foram aquecendo e logo logo me senti totalmente extasiada, quão leve tremor, prazer e dor como naturalmente acontece, sempre juntos, mãos dadas, dentes e lábios.

Sentia na pele a violência de tanto tato.

E ele era infatigável, de olhar devorador tresmalhado no meu peito e mãos trabalhando-me com arte. Percebia-se que estava a gostar. Rasgava-me com viril precisão e eu sentia o visgo a molhar-me por dentro, inundação nunca antes sentida, sim, porque aquela era a minha primeira vez e ele sabia.

Por momentos, senti que a face se me enrubescia de vergonha: tinha ali aquele homem sobre mim e eu despida e tão gorda a recebê-lo, tão gorda e a sentir as suas mãos de fogueira em mim (e fogo em mim), tão gorda e ainda a inundar-me, como ficaria depois?, tão gorda e corada e ele, ei-lo!, digno de Caetano.

Quando acabou, senti o brinquedo a sair sujo e pingando de mim. Ele deu uma gargalhada, satisfeito, e eu acordei do transe.

Levantei-me, morna e dorida, com a blusa húmida pendendo e ele pousou uma palma das grandes – achas – no fundo das minhas costas, sugerindo que eu me fosse ver ao espelho.

Caminhei, ainda atordoada e atestada de antecipação.

Porém, quando vi a rosa tatuada a brotar do decote, não senti o que pensava que sentiria: continuava gorda e infeliz, sozinha ante o espelho. Mais um espelho e um preto e um divã em vão.

I

LOTE 12 – 2º FRENTE (X-RATED)	2
FROID	2
PÉROLAS E PORCOS	3
S&M	5
AD HOMINEM	6



II

RDV	8
A COVA D'IRIA	9
PARECEM BANDOS DE PARDAIS À SOLTA, OS PORTUGUESES	9
BAILE DE OUTONO	11
<i>para que conste, vale ter o gu[a]má em constante pororoca</i>	12
PLÚMBEA EKPHRISIS DE BREVE MÃO DADA D'UM HOMEM	13



III

BEN, U R ON!	14
V[I]HS	15
<i>Tinha uma pedra no caminho (dur' mundo) no caminho tinha uma pedra</i>	16
CALAS A MÃE MORTA	16
DIVA NUDI VÃ [1/2]	17
DIVA NUDI VÃ [2/2]	18

CONTO

3º CLASSIFICADO

breve ensaio sobre o amor e a amizade

Ursulina Unurina

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. Sara. Sara, a tia de pernas de pau, era um incêndio. Quando entrou Carlos com as mãos cerradas sobre o peito e a alegria de trazer-nos o jantar dentro da boca, eu entornava a água imunda que dos banhos inundara o nosso quarto. Toma, faz com isto um chá. Imaginei que me ausentava a outro mundo onde o silêncio é infinito, e Carlos ao chegar olhava a violência dos meus dentes a caírem. Brancos podres como um fruto corroído pelo bicho. Toma, faz com isto um chá. Numa mão trazia a esterilidade quebradiça e loira de mil fios, cabelos que trouxera, na passagem pela vila, de uma criadita inexperiente. Imaginei que dizia quero que abras o meu peito e te alimentes, como se agora o mar que te atravessa fosse um sangue, como se as memórias recuassem aos almoços na aldeia junto ao forno, as refeições inteiras da avó, tão inacreditável de tão velhinha de tão triste de tão nossa. Amor. Sorri do absurdo da crença. Nada soa no vazio áspero da nossa morte precoce. Sara, a tia de pernas de pau, entrara sem sorrir e sem pastéis e sem as tardes recolhidas no meu colo a vê-la de um sorriso que cegava. Eu dizia Abel, não exageres na temperatura, que se isso ferve, se a cera lhe ferve, as pernas ardem. A tia Sara, com duas finas e cansadas pernas de pau, era um incêndio. Soubessem eles que algures, no deserto forjado de uma luz crepuscular absoluta. Os meus dentes caem. Carlos diz agora o impossível: o tempo de cair o dia, célere como um abismo. O tempo de um dia a cair. Estendeu a mão para o meu colo debruçado sobre o tacho. Hoje, quando a noite cair grossa nas janelas como um fogo invisível, ascenderemos à pobreza de um frio tão, tão, tão indelével. Estendeu a mão para o meu colo e disse toma. Faz com isto um chá. Abel torcia o pano que encharcara ao limpar com a saliva as pernas rudes da tia Sara. A água deve ser poupada como um ponto que se perde, a esmorecer eternamente sem retorno, para nunca mais. Sara, a tia de pernas de pau, estancava o sangue de um golpe que a fome lhe infligira no estômago. Às oito e meia, o dia pôs-se exausto sob o corpo abandonado da amante que depressa o consumiu.

Já se vêem os dias, não acham? Já se conhecem os dias, quero dizer, já se conhecem.

Já se vêem os dias, sim. Já se conhecem.

Os meus dentes estão a cair.

Tenho uma cola.

Emprestas-ma?

Amanhã, pela madrugada, os meninos filhos de gente rica acordarão sem darem conta dos rios de vômitos que fluem estanques pelas ruas. Quando o meu pai, de posto superior na hierarquia militar, dos bolsos retirava um brinquedo para dar-me, eu era um

instante de paz. Mas logo que se sumiu, vê-lo partir foi-nos um regresso à primeira perda. Para mim e para Sara, a tia de pernas de pau, morrer-nos a minha mãe fora uma febre indomável sobre o corpo. Quando o meu pai voltou da guerra, transformado num vírus, trouxe um amigo que connosco ficou. Olhou-me tenso com um medo que apenas às madrastas cabe.

Lamento muito. Mas não quero que penses que venho substituir a tua mãe.

A minha mãe não tinha pila. Vai à merda.

Helena, respeita o meu amigo.

Quero que ele se foda.

A tia Sara olhou-me aflita, mas sorria. Pensei eu que por me ver tão incisiva na defesa da irmã que visitara pouco antes, no cemitério. Tentara levar-me, eu recusara. Contudo, quando à noitinha a vi espreitar pela ranhura para o quarto do meu pai, de onde se erguiam os gemidos que no sexo se libertam, e a ouvi, num murmurar quase inaudível dizer, virou panasca, soube que sofria por não ter o peso dele a serenar-lhe a carne. Vi-a sentar-se num degrau e abanar a saia. Sara, a tia de pernas de pau, era um incêndio. Saiu. No dia seguinte, desgrenhada pelo vento, a camisa de dormir colada às rodas dos mamilos, entrou como se nada atormentasse aquela casa, e comigo deitada no chão, olhando o tecto que se desfazia, agachou-se junto a mim e a chorar anunciou que tinha um filho na barriga.

Ajuda-me a tirá-lo. Este não o quero, não o conheço. Quero um filho do teu pai.

O meu pai está morto. Não há-de dar-te coisa alguma.

Quero um filho do teu pai, um irmão para ti.

Será meu irmão na mesma.

Assim, a tia Sara guardou por alguns meses no ventre o produto do seu desvario nocturno. Nunca dela se soube de quem era o esperma, nem nunca alguém ousou perguntar-lho. O meu pai estava cada vez mais íntimo do seu amigo, com quem gemia o dia todo por amor levado ao extremo. Encontrei-os uma vez sob a ramada junto à porta traseira. Ao contrário do que dissera a tia Sara, ideia em que sempre insistia, nenhum deles enfiava a coisinha no cu do outro. Beijavam-se, simplesmente. Soube então que era infrutífera a minha luta pela solidão. Ninguém se eleva a ser humano sem que sinta tal fulgor roer-lhe as tripas. Urgia que me desse a uma tal amizade. Enquanto isso, ao longo do tempo em que me consumia na preparação de um plano que me guiasse na conquista de amigos, a tia Sara inchava-se de um modo inconcebível para a fragilidade das suas pernas de pau. Porém, quando o meu pai se oferecia para ajudá-la com os

pesos, ela dava-se à fúria de dizer-lhe que de peso precisava ela, e que não se preocupasse com as pernas, que a muito longe já elas a tinham levado. Adalberto, o amigo do meu pai, sorria como um parvo a tudo quanto se dizia, mesmo quando eu, farta de vê-lo em tal estado alienado, lhe berrava **PANELEIRO VAI À MERDA O TEU CU É UM TEMPLO DE BACTÉRIAS COME LIXO FODE A VIDA A QUEM QUISERES MENOS A MIM QUE TENHO NOJO DE TANTA SIMPATIA** num só rosto, num só homem, numa miséria tão grande. Fazia-se, então, silêncio. A tia Sara cosia os buracos das cuecas. O meu pai limpava o negro das ranhuras do azulejo. O Adalberto sorria. E passava a ferro em cima duma cadeira. Eu cortava couves com um garfo numa mão e uma faca nas costas. Repetia baixinho que, quando crescesse, o mundo não seria assim. Haveria a minha mãe e um amigo, pelo menos, mais os livros e os filmes e as canções de que ouvira falar, numa visita à vila.

Mas os dias sucediam-se num hábito incorruptível. O meu pai parecia-me, finalmente, feliz, mesmo na ausência daquela que a mim tanta falta me fazia, mesmo depois da guerra, mesmo depois de lhe ter dito, em jeito de agressão, que mais valia que morresse de uma vez, ao invés de dar à tia Sara ciúmes tão fartos, pelos quais, mais que uma vez, ela sofrera hemorragias vaginais graves. O certo é que a criatura que dentro dela se formava não parava de crescer. Senti, ao encostar-me junto da minha tia, nas manhãs em que o temporal nos impedia de escavar, com tudo em lama, os pezitos da coisa a darem socos retumbantes lá de dentro para fora. O mundo. O Adalberto sorria. Só o não fazia nos momentos em que a tia Sara começava a gritar que lhe doía a cona até um ponto indefinível nas entranhas. Sangrava, daí a instantes, de um modo tenebroso e enjoativo. O Adalberto vinha sempre socorrê-la.

Este filho da puta vai mas é matar-me. Olhe-me só para isto.

Tenha calma, logo passará.

Não sei, não.

Acredite.

Eu sabia que a minha tia Sara, a tia de pernas de pau, disfarçava na presença do apêndice que o meu pai trouxera para casa. Não queria que se pensasse que sofria por amor a tal ponto. No entanto, tudo se tornou tão rotineiro no seio da nova família, que depressa nos habituámos aos atritos e aos momentos pacíficos que restavam ainda. Já ninguém se afligia com os sangramentos da tia Sara, ajudávamo-la, apenas. O meu pai e o Adalberto, cada vez mais apaixonados, discutiam por merdinhas que não lembravam ao diabo. Ouvia-se, por vezes, a minha tia sussurrar para o bebé que carregava. Chorava

também, quando o meu pai fazia de conta que não sabia que a perturbava com as cenas de sexo selvagem que partilhava com o Adalberto. Eu era-lhes, por essa altura, indiferente. Mas o plano que engendrava com o intuito de angariar novas amizades era por mim terminado com um entusiasmo que não recordo ter sentido antes. E cheguei a pensar na estranheza que causaria aos meus amigos, quando lhes dissesse que morava com uma tia que tinha pernas de pau e dois pais, ambos com pila.

Porém, veloz foi a ventania que arrancou do meu sentido essa imensa e inocente claridade. Quando ultimava os preparativos para lançar-me na dita empresa, a tia Sara pariu. Parir não seria motivo para distrair-me dos meus intentos, acesos na altura como um lume perdurável, caso a coisa não se desse como a vi. Faltavam ainda três meses para que a criança não viesse antes do tempo. O meu pai tinha ido à vila na esperança de encontrar alguma coisa para comermos, para além do que obtínhamos do nosso cultivo. O Adalberto andava no telhado a compor uns estragos que a chuva de há dias causara. Ouvei gemidos. Fez-se, de repente, um calor insuportável pela casa e uma náusea arrebatou-me o corpo todo. Sei que caí. De imediato, apercebendo-me de que a minha tia estaria em aflições, tentei chegar-lhe. Quando alcancei a porta do quarto em que dormia, vi-a como desmaiada sem mover-se. E como uma erupção, uma cabeça minúscula entre as suas pernas de pau. Um ímpeto de vida insolúvel e perpétua. Até à dor. Corri na tentativa de acordar a recente mãe, no terror de não mais sentir-lhe a inspiração. Mas, na verdade, repousava num sono cerrado, o respirar pausado, exausto de arrastar-se até ali. Até à dor. Achei sensato não interferir no seu descanso. Olhei o bebé. Achei-o feio. Nunca tinha visto um tão acabado de nascer. Tive medo de pegá-lo e de parti-lo. Chamei o Adalberto. Ele embrulhou o pequenito num lençol que estava húmido a secar no parapeito. Foi então que o seu choro rompeu forte nos meus tímpanos. O Adalberto embalava-o e cantava afinado uma tristeza sem fim. Quis o silêncio absoluto. Eternizar-me nessa ausência etérea, como um túmulo de pedra inviolável. E quis que como a ele me afagassem num abraço e protegessem do perigo.

Este filho da puta vai mas é matar-me. Olhem-me só para isto.

Aqui tem o seu filho. Já está a acalmar. Descanse.

Tia Sara.

Diz.

És um incêndio.

Aí por esse mundo onde tu andas, desconheces que me matas. Nada te pedira. Que tomasses conta de mim. Brincas com o modo como sofro?

Quero brincar com a tua coisinha. Dás-ma?

Dou-te um caralho.

Serve.

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. O Carlos ajudava-me a colar os dentes que eu guardara, na esperança de poder recuperá-los. Desejava muitas vezes agarrar as suas mãos para mordê-las. De uma candura obscena, os seus dedos macios rompiam-me as entranhas inflamadas de desejo. Carlos crescera comigo. Desde o dia em que chegou tão de repente a nossa casa, me quis aproximar da sua impenetrável quietude. Lembro-me da voz quase sumida com que disse que viera à procura do pai. A tia Sara, ainda mole das pernas, que pareciam querer ceder ao esforço do parto da véspera, fitou-o descarada com o ódio a acender-se-lhe no rosto. O meu pai e o Adalberto, num riso partilhado que me dera já alguma inveja, olharam muito aflitos o rapaz que se pusera à nossa porta. Nada disseram. Carlos ficou. Abel chorava a pedir mama, sôfrego no modo como à mãe se agarrava com a fome. Eu soube então que Carlos me trazia o tempo morto de uma acção que, antes programada com minúcia, se dilui, à força da entrada de um seu aparente resultado no inabalável equilíbrio da sua concepção. Quero assim dizer que o meu plano foi esquecido. Enquanto isso, a tia Sara redobrava o ódio que aspergia sobre o meu pai, a quem agora atribuía obscenos epítetos, tais como: fodilhão, bode de colhões inchados, rameira com pila, ardido de merda, animal do caralho, fornicador de putas baratas, panasca retorcido, tanto te faz ir a uma cona como a um cu, ao que ele respondia vai à merda e ela replicava vai tu. O Adalberto assistia às guerras de insultos com tranquilo receio de que as pernas de pau da tia Sara se tornassem armas de arremesso contra um corpo indesejado ao que eu dizia impaciente que o Abel era um esqueleto no berço, as correntes de ar massacrando-lhe os ossinhos, ninguém a dar-lhe o que pedia com o choro, que a mim sempre soava a alfinetes violando-me os tímpanos.

O menino tem fome. Deixem-se de tretas e tomem mas é conta dele.

O filho não é meu, é da tua tia, ela que o faça.

O outro não é meu e eu faço-lhe o comer.

Mas não trazes a comida para casa.

Não seja por isso.

No dia seguinte, andava eu de porta em porta a vender flores da trepadeira, e de nada adiantava que dissesse à minha tia que nem uma alminha lhes iria pegar. Ele é a crise, é a miséria, e flores já eles têm, quanto mais não seja, vêm no-las roubar, que aquela bosta daquela coisa florida deve ser, do pouco que nos resta, a única que produz algum assombro a quem passa. O facto é que o nosso jardim era bonito. E o Adalberto tornara-o quase artístico com a sua presença de faz-tudo, incluindo o trabalho de jardineiro. Mas a tia Sara, teimosinha, cismara de tornar-se também fonte de sustento àquela casa, que governava e mantinha asseada e composta, mas para onde não trazia nunca coisa alguma que se pudesse comer. E suportar acusações do fodilhão rasca era-lhe demais além da conta. As discussões entre ambos eram de tal modo acesas por essa altura, que temo ter percebido no Adalberto sinais de que um ligeiro ciúme começava nele a despontar com timidez. Gritavam impropérios de assustar a própria essência das palavras, socorriam-se de tudo o que na frente dos olhos lhes aparecia para o atirarem com violência ao outro, e o Abel sempre a chorar como um pedinte, a meter dó. Não me era possível estar em casa muito tempo. Especialmente por isso, me dava a ajudante da minha tia, ainda que o papel desempenhado mais não me desse que fama de insistente mendiga sem préstimo a considerar. O Adalberto mantinha-se na margem. O Carlos saía pela manhã e voltava apenas pela noitinha. Ninguém sabia o que fazia entretanto, até que, um dia, não resisti à vontade de sabê-lo, não fosse aquele seu carácter impassível fascinar-me a ponto de não querer conter em mim tamanho enigma. Era meu irmão, afinal, sim, meu irmão, mesmo que não parido pelo mesmo buraco que a mim me parira. Víamo-lo tomar espécies de infusões de origem incerta, fervendo num vapor que se espalhava pela casa, e um aroma dulcíssimo a inchar-nos de apetites. Quando lhe perguntávamos o que estava a beber, respondia sempre com um brevíssimo um chá. Bebo um chá. Onde raio ia ele buscar ervas, não o sabia. Por ali perto, nenhuma se achava apropriada para tais preparações, e dinheiro para comprá-las, ninguém acreditava que o tivesse. Segui-o então, mas logo fui notada pelo seu ouvido atento, e nem o meu andar descompassado e barulhento outra coisa poderia permitir. Tentei ainda esconder-me, mas de nada me valeu. Carlos recuou na minha direcção e visitou-me na traseira da árvore onde eu me colara, assim como o meu vestido, pegajoso de resina.

Queres vir comigo?

Pode ser.

Não me lembrava da vila. Sempre ocupada, em casa, dela tinha uma visão já desfocada, pois muito se passara desde a última visita, feita pela mão da minha mãe. Carlos

percebeu o meu encanto, aquela minha sede de tumulto, e sorriu-me em tom de acordo. Era dia de feira, o que logo se notava no correr das vendedeiras, e eu pedi a Carlos que me deixasse ir ver os livros e os filmes, pois já nem me lembrava do cheiro ou do formato de tão importantes objectos, símbolos da vida que eu queria fosse minha.

Não me parece que os encontres.

Porquê? Havia uma banca.

Sim, mas já não há.

Já não existem?

Não.

Eu sempre pensara que desenvolver-se o mundo e os humanos nos traria mais ofertas culturais além daquilo que eu desejara em criança, mas via agora quanto tempo se passara desde a minha primeira grande ilusão. Apertei o braço a Carlos tristemente.

E música, ainda há?

Há. Mas não aqui.

Então onde?

Não sei.

O meu irmão levou-me, assim, até à banca onde sentada se abanava com o leque a mais obesa das mulheres. Chamou-a por um nome que não lembro, mas sei ser estranho, e deu-lhe um saco pequenino retirado do seu bolso do casaco. Tome, faça com isso um chá. Ela sorriu e, lânguida e exausta em cada gesto, apalpou com uma mão a caixa de metal que tinha sobre a banca, podre de madeira carcomida, tirando dela uma das notas que guardava lá. Carlos tomou-a com vagar apreciativo, dando-me a mão para que fôssemos embora. Estava próxima a hora de almoçar-se, e o calor incomodava quase tanto como a fome. A tia Sara iria certamente ralhar-me por não ter ido vender as flores.

Vendeste-lhe um pedaço de cabelo?

Sim, era cabelo.

Para quê?

Foi então que Carlos finalmente me explicou porque saía todos os dias de casa, pela manhã, regressando tarde e acompanhado das mais inúmeras misturas que usava ao fervê-las na água das suas infusões. Com destreza, e consciente do perigo a que se sujeitava, arranjava uma maneira fácil de fazer dinheiro, dinheiro que guardava num esconderijo que nem a mim poderia revelar onde ficava. Consistia isso em roubar às escondidas um pedaço de cabelo a jovens bonitas, elegantes e saudáveis que se passeavam pela vila, que guardava posteriormente em saquinhos que cosia com as

folhas da nossa trepadeira. A primeira reacção que pensei que teria, como por instinto, seria a de vomitar aos seus pés, imaginando que cabelos se enrolavam na garganta como fios. Olhei-o com asco e com vontade irreprimível de dizer-lhe que tal coisa facilmente passaria por pior que andar metido no negócio da prostituição, e dos mais obscuros, que ele há sítios onde a actividade é legal e perfeitamente higiénica, ao contrário do que aqui acontece, pois estamos num país onde impera a moral, e jamais isso seria permitido. Carlos tentou dar-me uma explicação satisfatória para tamanha nojice, fazendo por convencer-me de que, daquele modo, não só fazia dinheiro com alguma facilidade, como ajudava pobres mulheres que acreditavam que ao ingerir partes, ainda que mínimas, dos corpos de outras mulheres, por elas consideradas mais saudáveis e mais bonitas, encarnariam elas próprias qualidades pertencentes às outras. Achei que não me competia falar, dada a minha expressão de evidente desgosto, ao que ele prosseguiu fazendo a apologia da liberdade na invenção dos mais distintos negócios, e tentando dissuadir-me da minha posição intransigente quanto ao que dizia. Contudo, apenas quando suplicou que eu não contasse a quem quer que fosse das suas ideias, oferecendo-me a oportunidade de integrar aquela empresa, me senti desmoronar um bocadinho. O facto é que as alusões que fazia a uma pequena fortuna me fizeram pensar silenciosa e mais sensata sobre o caso, não fosse ela ser-me muito conveniente, dada a miséria que em nossa casa germinava, e o meu desejo de dar ao bebé cuidados e mimos que ele de outra maneira jamais teria. Foi então que dei por mim perfeitamente divagando, a voz do meu irmão já longe do lugar em que eu ficara, sorridente a dar a mão ao pequenino. Estaria em casa com fome e a chorar, por entre a névoa intransponível do berreiro do meu pai e da tia Sara, sem ninguém que o embalasse e lhe limpasse a merda do rabinho. O Adalberto, no início, ainda tinha por costume ir dar-lhe um olho e entretê-lo, mas não o fazia agora, penso que em tentando vingar-se, mesmo que inconsciente e indirectamente, da tia Sara, que lhe roubava ao amado tempo de loucuras e de febres outrora tão frequentes. Tive pena do menino. Ou melhor, senti em mim uma tão grande compaixão que perguntei de não seria exagerado sentir igualmente que o amava, sobretudo, para além do compadecimento exigido às almas mais nobres em relação a quem sofre. Quis voltar a casa para tomar conta dele, e sem mais palavras disse a Carlos que sim.

Abel pingava ainda a cera liquefeita dos ouvidos nas fendas que a tia Sara ganhara na pele. Olhando-o enternecida, com Carlos a meu lado esmigalhando alguns cabelos com ervinhas, para que a tia Sara não se apercebesse do truque, guardado há já muitos anos apenas entre nós, lembrei de como rápido passara aquele tempo no seio de tão estranha e envelhecida família. Quinze anos. Abel estava forte e feito homem. Carlos mantinha na pele aquela brancura apetecível e inconcebível que às meninas tanto encantava, embora para mim tivesse perdido, com a frieza por vezes demonstrada, algum do amor que eu quisera dedicar-lhe. Mas aquele que eu descobrira por Abel crescia admiravelmente dia a dia, tendo feito de mim sua companheira e sua amiga, depois de por algum tempo, para si desvanecido, ter feito de mim sua mãe. Entre ele e a tia Sara notava-se somente respeito, nenhuma afeição particular, o que se verificava igualmente em relação ao meu pai e ao Adalberto. Na verdade, todos nós nos afastámos consideravelmente a partir do momento em que Carlos entrou naquela casa e, apesar de se ter amenizado o ambiente com o tempo, restaram na paisagem inúmeras pequenas crateras impossíveis de tapar. Nada me convencia de que a tia Sara e o meu pai não se amavam fervente, incontrolável, e orgulhosamente, a ponto de não quererem revelar que o sentiam. A tensão entre o triângulo amoroso não mais se dissipara. Enquanto isso, Abel crescia, eu tornava-me menos jovem, assim como Carlos, em idades agora de casar e de ter meninos, como dizia o Adalberto, e os três amargavam-se naquela velhice obstinada que cumpre aos que não sabem que fazer a tanto amor. O meu irmão engraçara com uma rapariga que depressa descobriu o seu segredo, ofertando-lhe madeixas de cabelo com o intuito de o conquistar. Trazia nas mãos cabelos loiros da criadita, nova nas lides do negócio, onde entrara também. Toma, faz com isto um chá, disse-me, e mais baixo, explicou-me que os dentes dela eram muito firmes e brancos, que poderiam ajudar-me quanto aos meus, prestes a caírem. Mas eu nunca acreditara nas propriedades taumátúrgicas daqueles malfadados chás. Bem sei que se fizesse um esforço no sentido contrário, me redimiria mais completamente dos pecados que me levarão a expiar eternamente, mas suponho que me baste evocar o sentimento que me trouxe até ao estado lamentável das más obras, para não ser tão cruelmente condenada. Toma, não quero, e devolvi-lhe a mistura. Abel aproveitava a sua saliva para molhar um pano com que curava as feridas da mãe. Embora o nosso negócio nos tenha permitido arrecadar algum dinheiro, nunca fizemos, como julgáramos, uma fortuna, mesmo que pequena, e a minha tia achava ainda, ao fim de tantos anos, que íamos juntos vender flores da trepadeira, quando apenas as arrancávamos para ocultar a realidade. Tudo me

surgiu à memória. As tardes de colo da tia Sara, quando ainda era viva a minha mãe, o desejo que sentira por Carlos, quando mal me apercebia de que não só era meu irmão, como também um homem desinteressante, para além da sua palidez. Os dias em que aquelas duas pernas de pau carregavam consigo caixas de pastéis que eu devorava, e o Abel ali, tão triste, a poupar água, como antes eu fizera, ao reunir em bacias a da chuva que caíra violenta em nossa casa, inundando os quartos. Pensara aproveitá-la para os banhos. Quanta saudade dos idílicos crepúsculos que em criança eu admirara, quão infinita melancolia.

Já se vêem os dias, não acham? Já se conhecem os dias, quero dizer, já se conhecem.

Já se vêem os dias, sim. Já se conhecem.

Já se conhecem os dias e os meus dentes estão a cair. Carlos diz qualquer coisa. Julgo ouvir falar da nossa avó e dos dias que se põem exaustos como homens. Quem dera que Carlos tivesse conhecido a nossa avó. Quem dera que Abel tivesse conhecido a nossa avó, nossa de ambos, tão inacreditável de tão velhinha, de tão nossa. Poderia ser a de Carlos por empréstimo, ela decerto aceitaria. Imaginei. E sorri. Carlos puxou-me pelo braço para um canto da cozinha, e logo eu percebi a gravidade do seu gesto pelo ar desamparado que deixou de disfarçar, assim, só comigo. Pensei que ouvira mal quando me deu a consciência da grande estupidez que ele me disse. Que a sua namorada não funcionava muito bem do cerebral, pior ainda do que nós, e que lhe oferecera de livre e espontânea vontade um pedaço do seu loiro e brilhante cabelo, eu já sabia. Mas que quase o ordenara a raspar das pernas da minha tia um pedaço que pudesse guardar numa garrafa, que provavelmente não serviria para mais do que enfeitar, e que objecto deprimente seria, eu não podia conceber sem surpresa. Perguntando a Carlos para que queria ela aquilo, ele respondeu simplesmente porque sim. Porque sim. As pernas de pau da tia Sara são giras, únicas até, e não há nada que supere uma estúpida e original prova de amor. Fiquei boquiaberta, esperando que me dissesse que tinha eu a ver com tamanho estapafúrdio, ao que ele respondeu que iria precisar da minha ajuda para levar a bom termo tão árdua operação. Confesso que esperava que aquela sua confissão não passasse de um modo de arrancar de mim uma aprovação para acabar com o namoro, não fosse eu considerar que o meu irmão, por solidariedade feminina, estava a ser muito cruel para com a menina. Não esperava, porém, que me fosse suplicar que o ajudasse, quando eu sabia que ele saberia que decerto o iria proibir de o fazer. E fi-lo. Demorei a reagir, mas acabei por fazê-lo, e sei que o fiz de maneira a Carlos perceber que, caso ele não me obedecesse, o caso tornar-se-ia grave para si. Apesar disso, o meu irmão,

embora não parecesse apaixonado para lá da conta, não era homem de passar por fraco aos olhos de uma mulher, mesmo que uma mulher idiota. Por isso, quando já noite eram suspiros e mais roncões pela casa, Carlos cismou de, sem barulho, ir à cozinha procurar uma espécie de faca que se usava apenas para cortar coisas excessivamente duras. Na verdade, o seu silêncio ultrapassou qualquer ruído, e nada se parece ter movido, nem o ar, a cada movimento que o seu corpo, talvez a medo, executou. Mas a tia Sara nunca foi de se dormir pesadamente, acordando ao mais leve desequilíbrio de que se apercebesse. Despertou no momento preciso em que Carlos erguia o horrendo objecto cortante, de olhar concentrado, e, como por instinto, pensando, suponho, que ele, filho ilegítimo do fornicador de putas baratas, tinha pretensões de a matar. A tia Sara não lançou sequer um grito, quem o fez foi o meu irmão, quando à pele lhe chegou o fogo que a minha tia deixara aceso numa vela junto à cama, coisa que muito eu a aconselhara a não fazer. Parecia enfim o fim do mundo aquela casa. Depressa a tia Sara se agarrou ao meu irmão para bater-lhe, mas ele na aflição da queimadura deu-lhe um soco que a fez guinchar até ao osso. Quando pude então chegar até ao quarto da minha tia, já o Adalberto entrara, e o meu pai com o pijama a cair-lhe pelas pernas tencionava fazer o mesmo, caso não antes deparasse com o quadro que, depois de eu o empurrar, também vi. A tia Sara desgrenhada e espumosa segurava a faca sobre o Carlos, e o Adalberto tentava tirar-lha da mão. A vela caíra ao chão e a chama que nela era tão frágil ganhara, ao tocar no chão, uma dimensão incendiária e tenebrosa. Quando ia para aproximar-me, o Adalberto, num ímpeto de louco, arrancou do chão a minha tia, com uma violência que eu não sabia ser-lhe possível, para empurrá-la para o fogo que alastrava. As suas pernas de pau arderam veloz e irremediavelmente. Abel chegara entretanto e com ele, enquanto o meu pai, o Adalberto e o meu irmão miravam o cenário feitos parvos, tentei acalmar o braseiro que ali se gerara, a minha tia a gritar do fogo que lhe chegara já ao dorso em carne, mas nada se podia mais fazer àquela tragédia.

Sara, tia Sara. És um incêndio.

Não tardou que percebêssemos quão perturbado o meu pai se sentia com a morte da minha tia. A sua tristeza era visível, mesmo que discreta e muda, e dele só se ouviu uma palavra quando Adalberto, a desculpar-se, mas sem poder disfarçar que se sentia aliviado com a ausência da sua rival no amor que pelo meu pai tinha, lhe perguntou porque brincava com o modo como sofria. Brincas com o modo como soffro?

Quero brincar com a tua coisinha. Dás-ma?

Dou-te um caralho.

Serve.

E foi então que o Adalberto, de orgulho ferido, e sem tentar sequer esconder que de nada se sentia arrependido, pegou no pouco que de seu havia ali naquela casa, e partiu. Com ele foi também o meu irmão, mas não porque quisesse acompanhá-lo. Imagino que terá sentido, na profunda mágoa de Abel e no meu olhar recriminatório e perdido, que a sua presença jamais fora tão indesejada como naquele momento. Não ficaram sequer para o enterro da tia Sara. Só nós os três e uns poucos de vizinhos se arrastaram até ele, ainda que ninguém para além de nós soubesse que o real motivo da sua agora terminada existência não era o simples descuido de uma vela acesa, como fizemos questão de admitir. O meu pai não era já o homem que eu julgara nunca vir a conhecer, na frieza distante de uma permanente e intacta alegria. Achava-o tão terrivelmente condoído, de caminhar e gestos de uma dolência que pesavam no espírito. E sei o quanto amava a minha tia, apesar da rígida disciplina com que sempre manipulara o sentimento no sentido da repulsa. Foi num dos dias que se seguiram que Abel, que até aí andara calado, embora à noite, sem falar, viesse esconder-se no meu peito e dormíssemos juntos na mesma cama, dizendo tudo o que se não pode dizer, me pegou na mão para levar-me até à cave. Sob uma manta que eu já vira, mas em que não me atrevera a tocar, Abel escondia uma meia dezena de diferentes objectos que me passou pela cabeça serem instrumentos musicais. Fiquei petrificada. Pensava que daquilo nada restava no mundo. Há muito a humanidade perdera a sua força suprema, a sua arte maior. Olhei na esperança de que fosse confirmar-me o pensamento. Fê-lo, e eu não pude conter um bater de palmas entusiasmado e infantil. Foi esse o primeiro dia da nossa verdadeira vida a dois. O meu pai aprendia, a pouco e pouco, a sentir-se feliz na sua tão absoluta solidão. Eu e Abel dedicávamo-nos a tempo inteiro àquela fascinante descoberta. Na verdade, nunca até aí tivéramos noção de que viríamos a ter tanto sucesso. Começámos a ir à vila tocar para as pessoas que passavam, e depressa uma fortuna foi surgindo, pois já ninguém se lembrava de um dia se ter sentido emocionado por um conjunto de sons, e era aquilo um nascimento inesperado, uma ressurreição. Como aprendemos a tocar naquelas coisas pouco importa, julgo que sempre tivemos um talento natural para o ilimitado. Éramos amigos. E estou certa de que em parte alguma, na História na humanidade, se terá visto um casal tão loucamente apaixonado um pelo outro e pela vida como nós, naquele tempo em que fugimos para um mundo encantado. Havia merda por todo o lado à nossa volta. Mas tínhamo-nos. E bastava.

POESIA

2º CLASSIFICADO

Ossuário [micro-antologia]

Escrevo para transmutar as sombras da memória
com os ossos que sobejaram das velhas angústias
como quem mutila corações fechados e os desnuda
trémulos ao orvalho das manhãs de cinza
Se os pássaros perguntam porque parti explico-lhes a sede
feérica do corpo, a absurda necessidade de florir em outras planícies
onde os esqueletos se deitam a adormecer os antigos crânios

Olho ao redor e há o silêncio estelar dos mortos
A caneta emudecida perpassa o latejante e arterial
murmúrio do peito. Os insectos cicizam eternidades ao redor
da noite e o meu útero transborda de peixes, constelações,
aves de rapina – tesouros ossuários que trouxe das viagens

ou talvez memórias que pouso sobre os ombros
queimaduras que inumero e nomeio como quem escreve
um epitáfio no ventre e abre as mãos à nudez de uma ausência

Não voltarei aos lugares amados nem os dedos dedilharão idílios
cálidos contra os ventos crepitantes. Resta o corpo deserto,
um nome na pele. E a violência muda dos espéculos.

Não pude escapar à fosforescência dos lábios
porque a boca era a morada agridoce de astros
e o beijo tinha a acidez de maçãs feéricas
nutridas de miraculosos venenos, poções verdes
láudano

No corpo há um cálice a transbordar de sede

Pois que a pele se permitia chagar de voláteis sombras de asas
de dedos de luas em pleno incêndio

À garganta ascende um orgásmico sopro
Sigo o arrepio angustiado das aves e um cântico criptal
não cessa de ecoar nos ossos

Basta um sopro noctívago para impelir as palavras.

A treva explode para lá dos muros quando ao silêncio celular
dos claustros escrevo as casas mortas e ouço crescer
na paisagem a gestação cíclica dos túmulos.

Basta um entardecer um murmúrio de cinzas nos xistos

ou um oceano uterino a desaguar das fontes

para que a mão siga o espasmo da sombra

acenda a matéria estelar dos abecedários

A fosforescente dactilografia do medo

[As mulheres]

As mulheres pálidas escrevem cicatrizes nos pulsos de gesso

Têm palavras uterinas por dentro dos regaços.

Trémulas como aves suicidas, silenciosas e agudas viúvas

Afiam lâminas de facas nos pescoços

Tecem feridas na alvura da pele

E maculam de sangue os lençóis de linho – os castos e impolutos lençóis

de Camilo Pessanha

Um dia hão-de sentar-se nuas à sombra maternal

De árvores. Soltarão na planície os seus cabelos de magma

E abrirão os braços riscados ao voo inicial de todos os pássaros

Guardam precipícios no coração sob a plumagem

Levam no peito punhais em vez de quilhas

[As palavras]

As palavras inclinam-se sobre o silêncio das luas
como crianças em torno de um círculo escrito a giz
ou viúvas ao redor da mesa posta

Quantas vezes segui o sopro noctívago dos versos
E encontrei a morte no álamo dos dedos?
Já não posso medir o latejante desespero das aves ou
dactilografar a simetria da memória
- toda a ausência é de musgo, criptogâmica

Resta ouvir a noite deitada em cada gesto
E simular que posso amputar o coração

[As crianças]

As crianças trazem os olhos cheios de sangue
Desenham luas nas sombras das cidades

Voláteis, como anjos, ferem-se
e escrevem *noite noite* na ponta das asas

Cheiram a rosas e a círculos brancos mas
cavam buracos nos corações pequenos e
degolam pássaros como quem almeja o voo

Ouço-as

Sepultarão brinquedos na planície?
Ossos, clepsidras, silabários

POESIA

3º CLASSIFICADO

A ERGONOMIA DOS DIAS

PINTURA CEGA

É no aproximar
que a figura se ausenta
- A abstracção é a figuração vista de perto.

No limite da distância,
o objecto.

Digo:

o poema como narrativa da abstracção imediata

ABELHA DE LUZ

Rente ao peito
o mel escorre do cantar.

Abelha de luz
o poema deixa a erva
daninha.

- A palavra nasce
do pasto.

POETA-OPERÁRIO

Nos lábios, uma tulipa de sangue

- encosta a cabeça à cintura do dia;

Da mão, uma árvore de cal

- laranja negra que no peito se faz máquina

CÍRCULO

A manhã é uma boca que se abre
sequiosa e faminta no limite
da vontade e do esquecimento.
Boca aberta escura de sangue
onde ficou a palavra
e o poema
que ilumina outra boca
na próxima manhã.

AD MARGINEM

canto
na
leve
vertica-
lidade
do
dia
mês
ano
que
entre
sol
e
chão
círculo
e
quadrado
se
reflecte
na
horizontalidade secreta das águas sadias do poema

PROPORÇÃO

A cidade é do tamanho do meu acordar.
E se dias há em que toco nos telhados,
noutros, nem o lambril ombreio

mAIÚSCULA

maio.

(façamos uma pausa)

as palavras também são meses.

escrevo maio, mas não digo Maio.

se quero dizer Maio uso isto: M

(maiúscula vem de maio)

metáfora: não: maio é maio.

nos livros leio Maio,

contigo canto maio.

és tu que reduces as palavras.

estranha alquimia esta

de transformar meses em palavras,

palavras em meses.

poesia é gostar das palavras.

maio és tu.

A PESSANHA

As palavras sobem-nos pelas pernas
e à roda da cintura
fazem casa nos ângulos mortos.

E pela casa fora, uma rua de branco
cuja nómada habitação faz florir
(por engano) as rosas bravas
no Inverno.

DIZ-SE POR AÍ QUE AMANHECEU

Diz-se por aí que amanheceu:
abre a janela e deixa os pássaros entrar.

(os pássaros são rios em bando que empurram o azul)

Sente-se já o cheiro do fogo.
(Tróia arde lá fora)

O vidro da janela somos nós
- e o fogo é transparente.

A chuva faz a purga do céu
- e de Tróia, faz-se Roma.

